

CENA I

- Andrade - Meus amigos, creio que não é necessário explicar as razões desta nossa primeira reunião.
- Toledo - Ilustre Coronel Freire de Andrade eu peço licença para dizer que não me pareceria demais que dissessemos, deante de todos o motivo que hoje aqui nos reúne.
- Silvério - Eu estou de acordo com a opinião de sua Reverendíssima o Padre Toledo, principalmente por me parecer que até agora não houve uma divulgação mais ampla, ou melhor, uma conversa geral sobre as razões que nos trouxeram hoje a esta casa. Cada um já se manifestou solidário às ideias do Alferes Joaquim José da Silva Xavier, mas isto foi feito em caráter particular a ele, isoladamente. Não seria demais que todos agora aqui reafirmassem as suas ideias e fizessem até um juramento de manterem-se fieis a elas, fossem quais fossem os impecilhos que pudessem surgir.
- Gonzaga - Eu estou de pleno acordo com o que acaba de dizer o senhor ~~Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga~~ coronel Joaquim Silverio dos Reis.
- Andrade - Muito bem. Neste caso, sua Reverendíssima, o Padre Toledo, poderá usar da palavra e explicar os motivos desta reunião.
- Rolim - Eu propunha, neste caso, que esperassemos um pouco mais, até a chegada do Alferes Xavier.
- Alvarenga - Sim, parece-me também que devemos espera-lo.
- Andrade - Pois, muito bem, a sugestão de sua Reverendíssima o Padre Oliveira Rolim será aceita. Esperaremos o Alferes Xavier.
- Toledo - É de extranhar a sua demora. É sempre tão pontual em assuntos desta natureza.
- Silverio - Naturalmente algum motivo de força maior o impediu de ser pontual também conosco. Devemos ser indulgentes.
- Gonzaga - Eu creio que nós é que nos adiantamos. A reunião foi marcada para as nove e faltam ainda dois minutos.
- Rolim - Efetivamente. Tendes razão, senhor Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga
- Técnica - Tres batidas à porta.**
- Andrade - Deve ser ele.
- Toledo - Esperemos as outras tres batidas.
- Técnica - Mais tres batidas à porta.**
- Andrade - É ele, sim. Um momento que vou recebê-lo.
- Técnica - Passos que se afastam.**
- Silvério - (Tom de mistério) Convem que nos conservemos em silencio. Póde ser alguém que conheça a senha combinada.
- Gonzaga - Quem poderia conhecê-la?
- Silverio - Não sei, mas nestas cousas é sempre melhor confiar desconfiando do que confiar cegamente.
- Toledo - O Coronel Silverio dos Reis tem razão, neste particular. É melhor que nos conservemos calados até verificar quem chegou. (Pausa longa)
- Técnica - Passos que se aproximam.**
- Tiradentes - Meus senhores, boa noite.
- TODOS - Boa noite.

Tiradentes - Creio que cheguei na hora combinada.

Técnica - Nove badaladas espaçadas.

Rolim - Sem faltar nem passar um minuto.

Tiradentes - Muito bem, sentemo-nos então.

Andrade - Em quanto aguardávamos a vossa chegada, sua Reverendíssima o Padre Toledo, propoz que se expuzesse deante de todos os motivos desta reunião. *Paiz. S. Xavier que já*

Tiradentes - Se bem que me parece que já todos os conhecem, não será demais, contudo, repeti-los.

Toledo - E o senhor Coronel Silvério dos Reis lembrou, aliás muito acertadamente, a meu ver, que se fizesse um juramento de fidelidade à nossa ideia de Independencia.

Silvério - O que pensais, Alferes?

Tiradentes - Que a ideia é magnifica. O juramento ha de reforçar mais o nosso com promisso de dar tudo pela nossa causa.

Andrade - Podeis falar então agora, senhor Padre Toledo.

Toledo - Creio que ninguem poderá dia correr melhor sobre o assunto do que o Alferes Xavier.

Gonzaga - Tambem me parece.

Andrade - Falai então, Alferes.

Tiradentes - Perfeitamente. **(Pausa longa)** sabeis todos que o motivo que aqui nos conjuga é a independencia da nossa querida Patria! Não é possível que continuemos escravos. O Brasil já se encontra no mesmo nível, senão em nível superior ao da sua antiga metrópole. Aumentax, dia a dia, a quantidade de vilas e povoados que repontam na imensidade das terras devassadas pela ousadia bandeirante, pela expansão dos vaqueiros do nordeste ou pelo arduo labor dos missionários. Longe vai a época em que o Brasil figurava tristemente nas contas de Portugal como um elemento deficitario. Haveres e recursos vão da America para Lisboa para sustentarem a existencia nacional e internacional da Metrópole. A Colonia enriquece e os colonos vão sentindo, cada vez mais insopitavel o sentimento de autonomia que começou a despertar desde os lances heroicos da luta contra os holandezes invasores do Nordeste. O que pretendemos é justo, justissimo, é um direito sagrado. E na exemplos na historia do mundo. Já em 1776, treze colonias inglesas da costa oriental, na America do Norte, declaravam-se independentes e solenemente proclamavam no Congresso de Filadelfia a igualdade dos homens e seus inalienaveis direitos a liberdade e a busca da felicidade. Esse fato deve servir de estímulo as nossas aspirações de liberdade e de Independencia.

Alvarenga - Muito bem! Liberdade inda que tarde.

Tiradentes - Tive ha pouco, no Rio de Janeiro, oportunidade de conhecer e conversar com o Dr. Alvares Maciel, homem de carater nobre, sinceramente religioso e exaltado amigo da liberdade que me prometeu todo o seu apoio moral e material a causa que neste momento todos abraçamos.

xi

Silvério - Doutor Alvares Maciel, dizeis, alferes?

Tiradentes - Sim. Foi um dos estudantes brasileiros que em Montpellier, animado de ardoroso patriotismo, imaginou alcançar a Independencia do Brasil com um movimento amparado pelos Estados Unidos. Contou-me ele que um dos seus colegas, José Joaquim da Maia, chegou a escrever ao Ministro Americano em Paris sobre a possibilidade do auxilio de sua Patria a libertação do Brasil.

Gonzaga - E o que lhe disse o Ministro?

- Tiradentes - Não sei se ~~na~~ na ocasião respondeu-lhe qualquer coisa. Sei que Maia mais tarde entrevistou-o sem, entretanto, conseguir promessa do desejado apoio. Mas que o tenhamos agora ou mais tarde, ou que não o tenhamos nunca o que não podemos de modo algum é continuar a viver reduzidos ao papel humilhante de escravos do Reino de Portugal. Deveremos libertar-nos a qualquer preço e estou certo que o faremos.
- Toledo - Muito bem!
- Tiradentes - O que é necessário, entretanto, é que cada um de nós dê, de si próprio, o maximo do seu esforço, da sua boa vontade, do seu heroismo, dispondo-se mesmo ao sacrificio da propria vida se para a vitoria da causa sagrada ela for exigida. Creio que dentre vós não haverá um só que não esteja animado desses mesmos sentimentos, não é verdade?
- silvério - Claro que sim.
- Alvarenga - Todos nós desejamos ardentemente a liberdade.
- Toledo - Não pensaremos noutra coisa, deste momento em diante.
- Tiradentes - Pois muito bem. Mãos a obra então, meus carissimos patricios. Nossa tarefa ~~xxxxxxx~~ inicial sera pregar a todos quantos se aproximem de nós a liberdade do nosso querido e amado Brasil!
- Toledo - Antes que nos separemos proponho que seja feito o juramento da fidelidade de que nos falou ao inicio desta reunião o Senhor Coronel Joaquim Silverio dos Reis.
- Alvarenga - Sim, que seja feito o juramento.
- Tiradentes - Vós, Reverendo Padre Oliveira Rolim, com essa cruz que trazeis pendurada da ~~xxxxxxxx~~ ao pescoço, alevantada, a altura das nossas cabeças, direis as palavras de juramento que nós todos repetiremos.
- Rolim - Perfeitamente, senhor Alferes Xavier.
- Tiradentes - Levantemo-nos todos.
- Técnica** - **Ruido de levantar e arrastar cadeiras.**
- Rolim - (Quando cessa o ruido, depois de uma pausa) Juro...
- TODOS - Juro
- Rolim - pela minha honra e pela minha vida...
- TODOS - Pela minha honra e pela minha vida...
- Rolim - Trabalhar incessantemente, deste momento em diante...
- TODOS - Trabalhar incessantemente, deste momento em diante...
- Rolim - pela liberdade e engrandecimento do nosso amado Brasil!
- TODOS - Pela liberdade e engrandecimento do nosso amado Brasil!...
- Toledo - (após uma pausa) que Deus nos ampare e ilumine!
- Tiradentes - Que assim seja!...
- Técnica** - **Tóque de clarim.**
-
- Carmen - Mas infelizmente, entre os inconfidentes existia um, natural de Portugal, que devendo à Fazenda Real mais de duzentos contos de reis, pensou que, denunciando-os, poderia talvez obter o cancelamento da sua dívida. Vejamos quem foi ele.
- Técnica** - **Toque de clarim.**

Barbacena - O que desejais, senhor Coronel Joaquim silvério dos Reis?

Silvério - Senhor Visconde de Barbacena: Na qualidade de Governador da Província não deveis ignorar gravíssimos acontecimentos que se vem desenrolando à socapa e que ameaçam seriamente o posto que tão dignamente vindes ocupando e - porque não dizer? - até mesmo a coroa de Portugal.

Barbacena - O que sabeis, senhor Coronel?

Silvério - De uma grande conspiração, senhor Visconde de Barbacena.

Barbacena - E o que pretendem os conspiradores?

Silvério - (em tom de segredo) A independencia do Brasil, senhor Visconde.

Barbacena - A Independencia do Brasil? (gargalhada) A Independencia do Brasil! Pensarão eles que será assim tão facil?

Silvério - Pelo contrário, senhor Visconde de Barbacena. Eles sabem que será difficil mas estão dispostos a conseguila a qualquer custo.

Barbacena - E como sabeis tudo isto, senhor Coronel?

Silvério - Fui convidado para uma reunião em casa do Tenente Coronel Freire de Andrade, sem saber, entretanto, o motivo do convite que me haviam feito. Em lá chegando deparei com diversos conspiradores reunidos tratando exclusivamente deste assunto.

Barbacena - E quais são os conspiradores? Sabeis o nome de todos eles?

Silvério - Dos que estavam presentes à Reunião sei-os todos.

Barbacena - Dezei-os então.

Silvério - Lá estavam: o Coronel Andrade, o dono da casa, o poeta Ignácio de Alvarenga Peixoto, o desembargador Thomaz Antonio ^{que é o} cabeça de todo o movimento - o alferes José Joaquim da Silva Xavier e os Padres Toledo e Oliveira Rolim.

Barbacena - Até os Padres, hein? Até os Padres. Hei de ensiná-los que o Clero não se deve meter sinão em questões religiosas. E qual o plano inicial do movimento, não o sabeis vós?

Silvério - Nessa primeira reunião nada ficou deliberado senão que cada um daria pela causa todo o seu esforço e a própria vida até, se fosse necessario. O Alferes ~~Henrique~~ José Joaquim da Silva Xavier veio ha pouco do Rio de Janeiro onde conversou com um tal doutor Alvares Maciel que o animou muito a proseguir nas suas ideias revolucionarias, prometendo-lhe todo o apoio moral e material a causa da Independencia.

Barbacena - Dr. Alvares Maciel? ^{Perfeitamente.} Muito bem. E que mais sabeis, senhor Coronel?

Silvério - Fizeram os conspiradores um juramento, perante a cruz que o Padre Rolim lhes collocava à frente dos olhos, de que por nada deste mundo haveriam de desistir da ideia de conseguir a Independencia do Brasil.

Barbacena - Perfeitamente.

Silvério - Que dizeis a isto, senhor Governador?

Barbacena - Que todos serão punidos a seu tempo. O que é necessario, entretanto, é que continueis a frequentar as reuniões dos traidores e a medida que novos elementos forem aparecendo vireis trazendo os seus nomes e tudo que nas reuniões for deliberado fazer.

Silvério - Perfeitamente, senhor Visconde de Barbacena. Podeis contar ^{com} a minha fiel observação às vossas determinações.

Barbacena - E por agora podeis retirar-vos, senhor Coronel Joaquim silvério dos Reis.

Silvério - Com a vossa licença, senhor Governador.

Técnica - Passos que se afastam.

Barbacena - A Independência do Brasil! Muito pouca coisa querem eles! Arrancar à Coroa de Portugal uma das suas pedras mais valiosas! (Gargalhada) Mas não de ser castigados todos! Olá se não de ser castigados! Pagarão bem caro a sua audácia e a miserável traição que pretendem fazer. A Independência do Brasil! (gargalhada) Ela ha de custar a liberdade de uns e a cabeça de outros! (Gargalhadas)

Técnica - Toque de clarim.

Juracy - E foi assim que ignorando a miseravel traição que lhes preparava o Coronel Joaquim Silvério dos Reis, os patriotas brasileiros, proseguiam com ardoroso entusiasmo na tarefa de libertar a sua grande Pátria. Com o cerebro e o coração voltados ~~para a causa sagrada que haviam abraçado, sonhavam eles com a felicidade do seu querido e amado Brasil. Sem nem sequer imaginar que daquele sonho tão lindo deveriam ser despertados por um dos seus próprios companheiros de jornada.~~ *um dia ps a sua realidade de um sacrifício destino*

Técnica - Toque de clarim.

Tiradentes - Perdoai, Padre Toledo, se vos fiz esperar muito. Estava precisamente a conversar com dois novos adeptos da nossa causa.

Toledo - Não tem importancia, Alferes. Faz pouco que cheguei.

Tiradentes - Alguma novidade?

Toledo - Nenhuma, a não ser a nova reunião de amanhã, a qual vós mesmo marcastes. Ah é verdade, trago-vos uma novidade, sim. A adesão de mais um religioso à nossa Santa Causa.

Tiradentes - Quem é ele?

Toledo - É o padre Luiz Vieira da Silva.

Tiradentes - Mais um enviado do Senhor. Tenho a comunicar-lhe, também, por minha vez, novas e importantes adesões. A do poeta Claudio Manoel da Costa, a do Dr. Domingos Vidal Barbosa, a do sargento mor Luiz Vaz de Toledo Piza, os dois Costa Rezende - pai e filho - e o Coronel Francisco de Oliveira Lopes.

Toledo - Uma causa justa como é a nossa tem que encontrar, por certo, muitos adeptos.

Tiradentes - E eles irão crescendo cada vez, ~~mais~~ ^{vão} à medida que o Governo Portuguez mais e mais se for afastando da religião e oprimindo os brasileiros da forma mais vexatória.

Toledo - Afastando-se da religião, sim. Dizeis bem, senhor Alferes. O clero tem sido ofendido por muitos modos pelo Governo Portuguez, os Jesuitas perseguidos e destruidos, molestados os bispos e expulso até um representante do Santo Papa.

Tiradentes - Não é para extranhar que a Providencia disponha as coisas de forma a castiga-los por essas faltas, retirando-lhes a Colonia Brasileira, sua mais rendosa fonte de tesouros materiais. O que é absolutamente necessário agora é que nos empenhemos todos numa intensa propaganda de tão justa causa para reforçarmos mais e mais as fileiras que não de enfrentar e debelar a colera da Corte de Lisboa.

Toledo - A propósito, senhor Alferes Xavier, cumpre-me fazer-lhe ^{uma} pequena advertencia sobre a maneira ~~por~~ pela qual vindes fazendo essa propaganda. Parece-me que sois por demais desassombrado e arriscai-vos, assim a comprometer os nossos planos.

Tiradentes - O desassombro é que inspira confiança naqueles que porventura possam estar indecisos, senhor Padre Toledo.

Toledo - Talvez sim, mas de qualquer forma parece-me que de vossa parte ele toca as vezes às raias da imprudencia.

Tiradentes - Nada receeis senhor Padre Toledo. Deus está connosco!

Toledo - Que assim seja, Alferes Xavier, que assim seja!

TÉCNICA - Tres batidas à porta.

Toledo - Quem será?

Tiradentes - Esperemos as outras tres batidas.

TÉCNICA - Mais tres batidas à porta.

Tiradentes - (Falando para longe) A porta está aberta. Podeis entrar.

TÉCNICA - (Ruido de porta que se abre, se fecha e passos que se aproximam).

Tiradentes - É o Coronel silvério dos Reis.

Toledo - É dos nossos.

silvério - Boa noite meus amigos.

OS DOIS - Boa noite Coronel.

Tiradentes - Alguma novidade vos traz a esta hora ao nosso encontro?

silvério - Não. ~~Vix~~ sabia que estavam os dois reunidos e vim conversar um pouco. Trocar ideias. Não será difficil advinhar que falaveis sobre o assunto da Independencia da Colonia, não é verdade?

Toledo - Exatamente.

Tiradentes - Onde estiverem dois inconfidentes reunidos o assunto não pôde ser outro senão este.

silvério - Naturalmente, naturalmente. E... já pensaram os meus amigos numa causa mais ou menos justa que possa servir de pretexto ao nosso levante e que arraste connosco o povo da Colonia?

Tiradentes - Sim. Este detalhe tem sido obieto das minhas cogitações e lembrei-me que talvez seja momento oportuno a occasião em que for lançada a cobrança dos impostos em atraso. Como sabeis os donos das minas andam muito desgostosos com o quinto do puro estraido desde alguns anos e ainda não pago. Sobre esse imposto à fabulosa quantia de tres mil trezentos e cinco contos e, segundo ouvi dizer, a Corte vai exigir em breve o pagamento dessa quantia. Creio que não haverá occasião mais oportuna para lançarmos o nosso grito de Liberdade.

silvério - Realmente, realmente. Não poderá existir occasião mais própria.

Toledo - Os proprietários das minas e, consequentemente, os mineiros não poderão deixar de aderir ao movimento.

Tiradentes - O levante contra o pagamento dos quintos em atraso não poderá deixar de ser simpatico ao povo, e assim faremos romper o movimento no dia em que for lançada a derrama.

Toledo - As forças do Coronel Freire de Andrade tomarão as principais vilas.

Tiradentes - Será proclamada a República! O Governador Visconde de Barbacena será preso e expulso com a sua familia. Que vá dizer em Portugal que o povo mineiro já sabe governar-se por si.

Toledo - A Capital da República será São João del Rei.

Tiradentes - Fundar-se-á uma Universidade em Vila Rica.

Toledo - As dívidas dos contribuintes em atraso serão canceladas.

Tiradentes - E haverá fábricas para a produção de tudo que importamos da Metrópole. Haverá escolas para o povo e extinta finalmente a escravidão!...

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

Carmen - E alguns momentos depois de deixar a companhia daqueles que empregavam todo o seu esforço e a sua atividade naquilo que constituía o seu mais belo sonho de patriotas, o mesmo homem que os animava a prosseguir na luta heroica e imensa que haviam encetado, dirigia-se a casa do Governador da Província para denunciar todos os planos traçados.

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

Silvério - Aqui me tendes, senhor Governador, com todas as informações que necessitais.

Barbacena - Falai, falai senhor Coronel Silvério dos Reis.

Silvério - Acabo de vir da casa do Alferes José Joaquim da Silva Xavier. Lá encontrei em confabulações o Alferes e mais o Padre Carlos Toledo de Correia e Melo.

Barbacena - O demonio de saias. O que tramavam eles?

Silvério - Discussiam o dia em que fariam romper o movimento. Planejam eles que as forças do Coronel Freire de Andrade tomem as principais vilas da Colônia. Que se proclame a República e que a Capital seja a vila de São João del Rei. Pensam fundar uma universidade em Vila Rica e cancelar as dívidas dos contribuintes em atraso.

Barbacena - E que mais pretendem?

Silvério - A fundação de fábricas para a produção de tudo que óra é importado de Portugal e a criação de escolas para instruir o povo. E o que vos pretendem fazer é simplesmente abominável, senhor governador. Simplesmente abominável.

Barbacena - Vamos lá, diga logo. Deixe-se de rodeios.

Silvério - Pretendem prendê-lo e expulsá-lo depois com toda a vossa família, senhor Visconde de Barbacena.

Barbacena - Prenderem e expulsarem a mim?

Silvério - Com toda a vossa família.

Barbacena - Ah grandíssimos patifes! Hei de curá-los a todos. Cada um ha de ter o premio que melhor merecer. E quando? Quando pretendem fazer tudo isto?

Silvério - No dia em que for lançada a derrama.

Barbacena - Ah sim? Com que então esperam esse dia para dar o golpe?

Silvério - É verdade.

Barbacena - Pois muito bem. Ouça senhor Coronel Silvério dos Reis. Este dia estava muito próximo mas não ha de chegar para eles. Hoje mesmo hei de escrever uma Circular a todas as Camaras da Capitania, ordenando que se suspenda o lançamento da derrama. Que golpe, senhor Coronel! (Gargalhada) Que golpe, senhor Coronel! (Gargalhada) Um verdadeiro golpe de mestre! (Gargalhada)

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

Juracy - Este foi, prezadíssimos ouvintes, o primeiro episódio de "Ao soar do clarim" o novo programa que Roberto Lis vos apresenta e com o qual a Rádio Difusora de Porto Alegre presta um culto à memória sagrada daqueles que primeiro derramaram o seu sangue quente pela liberdade do nosso querido Brasil!

Carmen - Ouçam amanhã, às mesmas horas de hoje, o segundo episódio do Teatro Histórico que a PRF 9 apresenta aos seus ouvintes, ~~xxx~~ comemorando assim, condignamente a semana da Pátria que hoje se inicia.

O episódio de hoje obedeceu à seguinte distribuição:

<u>(Fala Juracy)</u>	<u>(Respondem os artistas)</u>
Tenente Coronel Freire de Andrade	- Edmundo Lis
Ignácio de Alvarenga Peixoto	- Carlos Moré
Padre Toledo	- Claudio Real <i>bandido do Norte</i>
Padre Oliveira Rolim	- Alberto de Macedo
Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga	- Alfredo Chaves
Visconde de Barbacena	- Roberto Lis
Coronel Joaquim Silverio dos Reis	- Luiz Cataldo
Tiradentes	- João Bergmann

SPEAKER - ~~xxxxxxxxxxxx~~ ROBERTO LIS e seus artistas apresentaram

Carmen - AO SOAR DO CLARIM!...

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM

Fim do 1º Episódio.

O comentário inicial deste programa foi escrito e apresentado por João Bergman

2º EPISÓDIO

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM

SPEAKER - ROBERTO LIS e seus artistas apresentam:

CARMEN - AO SOAR DO CLARIM!...

JURACY - Um programa comemorativo à Semana da Pátria, por intermédio do qual a PRF 9 - Rádio Difusora de Porto Alegre presta um culto de veneração e respeito à memória dos primeiros brasileiros que se deixaram matar para obter a Independência do Brasil! Este programa é um ramalhete de flores perfumadas que colocamos sobre a lage fria que guarda para sempre os restos dos heróis que deram o seu sangue pela nossa Liberdade!...

CARMEN - Meus patrícios: Vamos apresentar hoje o segundo episódio do nosso teatro histórico que denominamos de "Ao soar do clarim". Este programa nos fará reviver vários lances de heroísmo dos nossos patrícios de antanho que escreveram no livro grandioso da nossa história páginas de tal brilhantismo que nem mesmo a esponja implacável do tempo ha de conseguir apagar. que elas possam, através dos tempos que hão de vir, falar sempre bem alto a todos os brasileiros, para que o exemplo magnífico que nos contam, continue a frutificar, como até hoje tem acontecido.

JURACY - Antes de darmos início ao segundo episódio deste programa, façamos uma ligeira recapitulação dos acontecimentos desenvolvidos no episódio anterior. Os nossos ouvintes devem estar lembrados de que Tiradentes com outros patriotas, entre os quais figuravam o tenente coronel Freire de Andrade, Ignácio de Alvarenga Peixoto, Thomaz Antonio Gonzaga, os Padres Toledo e Oliveira Rolim, reuniram-se secretamente numa conspiração que tinha como principal objetivo a Independência do Brasil. Um dos que se fazia passar como companheiro de Ideal - O Coronel Joaquim Silvério dos Reis - traiu a conspiração, relatando todos os assuntos discutidos nas sessões secretas ao Visconde de Barbacena - Governador da Província de Minas Gerais - que o fez continuar a frequentar as referidas sessões para que lhe pudesse sempre trazer ao corrente dos assuntos discutidos pelos Conspiradores.

Carmen - Sendo informado pelo Coronel Silvério dos Reis do dia em que rebentaria a revolta e do motivo que serviria de pretexto à mesma - que era a cobrança dos impostos em atraso - o Visconde de Barbacena escreveu no mesmo momento uma Circular a todas as Camaras da Capitania, ordenando que fosse suspensa a cobrança e fazendo desaparecer, desta forma, o motivo que, perante o povo, serviria de pretexto ao movimento. Ouçamos, a seguir o segundo episódio de "Ao soar do clarim" que hoje terá a seguinte distribuição:

(Fala a Juracy) :

(Responde o artista):

- ✓ Visconde de Barbacena
- ✓ Coronel Joaquim silvério dos Reis
- ✓ Tenente Coronel Freire de Andrade
- ✓ Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga
- ✓ Ignácio de Alvarenga Peixoto
- ✓ Padre Toledo
- ✓ Alfêres José Joaquim da gilva Xavier
- ✓ A personagem misteriosa - *Luiz Vital*
- ✓ Dom Luiz de Vasconcelos e souza
- Um Dragão
- Engrácia - *Nina Rosa*
- Outro Dragão

- Roberto Lis
- Luiz Cataldo
- Edmundo Lis
- ~~Alfredo Silva~~ *Candido Roberto*
- Carlos Moré
- Claudio Real
- João Bergmann
- Branca Margarita
- Roberto Lis
- ~~Carlos Moré~~ *Tom Gil*
- Lilia Maria
- ~~Roberto Lis~~ *Luiz Cataldo*

Prestam também o seu concurso a este programa as artistas Carmen de Alencar

Carmen - E Juracy de Oliveira.

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

Luiz e Fabiano apresentando

Barbacena - Pode falar, Coronel Silverio.

Silverio - Aqui está, senhor Governador, a denuncia escrita que me pedistes.
Tendes

Barbacena - ~~xxx~~ ai a relação completa de todos os sediciosos?

Silverio - Não direi que estejam todos, mas pelo menos os principais. Todos aqueles que frequentavam as reuniões em que eu estive e todos aqueles a quem eles fizeram referencias, como por exemplo o doutor Alvares Maciel, ai estão relacionados.

Barbacena - Muito bem. Esta denuncia deverei manda-la ao Senhor Vice Rei Dom Luiz de Vasconcelos e Souza, no Rio de Janeiro. Necessito mandar um portador ~~xxxxxx~~ entrega-la pessoalmente ao Senhor Vice-Rei e lembrei-me que talvez o senhor Coronel Silverio dos Reis pudesse fazê-lo. Como sabeis, ~~x~~ senhor Coronel, necessito que o portador seja um homem da minha inteira confiança.

Silverio - Sentir-me-ei honrado com tamanha deferencia, senhor Governador.

Barbacena - Perfeitamente. Agora o que mais necessito de V.S. antes do vosso embarque para a corte é que estejais presente a uma nova reunião que por acaso se venha a realizar, informando os conspiradores da vossa resolução de partir em busca de novos elementos para a causa da Conspiração.

Silverio - Creio que em dois ou tres dias já essa reunião se terá realizado.

Barbacena - É necessário que procedais de forma a não despertar no espirito de nenhum deles a minima suspeita.

Silverio - Podeis ter confiança em mim, senhor Governador. Hei de esforçar-me por desempenhar da melhor maneira possivel a honrosa missão que me confiasdes.

Barbacena - Sei que V.S. é um homem astuto mas precisamos estar de olho vivo e pé ligeiro com os nossos inimigos. Toda a cautela não será demais.

Silverio - E ireis aguardar ordens do senhor Vice Rei Dom Luiz de Vasconcelos para efetuar a prisão dos criminosos?

Barbacena - Não ha necessidade de aguarda-las uma vez que ^{as} minhas funções me autorizam a ~~xxx~~ tomar qualquer providencia para salvaguardar os direitos da casa de Portugal. Depois que tiverdes embarcado tratarei de prendelos um a um sem alaridos nem escarcéos que poderiam deitar a perder a metade da presa.

Silverio - Sim, tudo deverá ser feito com muita cautela.

Barbacena - Pois muito bem, senhor Coronel Silverio dos Reis. Ide desempenhar a missão que vos confio e após a reunião em que tiverdes comunicado aos revoltosos a vossa viagem ao Rio de Janeiro, podereis embarcar incontinentemente.

Silverio - Perfeitamente, senhor Governador. As vossas ordens hão de ser cumpridas fielmente. Estejais descansado.

TÉCNICA - Passos que se afastam - Toque de clarim.

Carmen - E os que sonhavam com um Brasil maior e melhor, reuniam-se uma vez mais após dois dias ao dialogo que acabamos de escutar.

TÉCNICA - Toque de clarim.

Andrade - Faltam ainda alguns companheiros, não é verdade?

Gonzaga - Sim. Não vieram ainda o Padre Oliveira Rolim nem o Senhor Coronel Joaquim Silverio dos Reis.

Alvarenga - Seria conveniente esperá-los para iniciarmos os nossos trabalhos.

Toledo - O Padre Rolim estaria muitissimo ocupado esta noite. É possível que não possa comparecer á reunião. Deu-me ciencia disto esta tarde quando nos encontramos por acaso á porta da Igreja de São Francisco.

Gonzaga - O senhor Coronel Joaquim Silvério dos Reis, com quem falei ha duas horas mais ou menos, disse-me que só muito mais tarde poderia vir.

Tiradentes - Neste caso poderíamos começar já o nosso trabalho. Algum, dentre vós, tendes qualquer nova comunicação a fazer?

Alvarenga - Eu, senhor Alferes, tenho a comunicar-vos que deixarei Vila Rica e, em consequencia, não mais poderei trabalhar ao vosso lado.

Tiradentes - Onde quer que estiverdes podereis trabalhar igualmente pela causa, senhor Ignacio de Alvarenga Peixoto. Com a vossa é a terceira comunicação de retirada que numa unica semana me fazem os meus companheiros, de jornada. Adianto-vos, entretanto, que embora todos os que aqui se encontram retirem-se da Conspiração, hei de continuar a trabalhar sosinho pela libertação da minha querida Patria.

Alvarenga - Por motivos particulares fui obrigado a transferir minha residencia, Alferes.

Tiradentes - Aqui, como em Ouro Preto ou São João del Rey, como no mais longinquo rincão do Rio Grande, tudo é Brasil, meu caro Alvarenga. É terra que pertence a nós, aos brasileiros, e não devemos permitir que os estrangeiros se continuem na posse de um bem que o céu nos legou. Que continuem a explorar as suas riquezas que por direito deveriam reverter em benefício dos seus filhos ~~que são ainda por eles maltratados e amesquinçados~~ que são ainda por eles maltratados e amesquinçados. Os impostos aumentam cada vez mais, os cargos publicos somente são ocupados por portuguezes, fechadas as oficinas, as ourivesarias, as forjas demolidas e retiradas com os mais instrumentos para a casa da moeda. E como se não bastasse tudo isto ainda são proibidas as familias brasileiras de mandarem suas filhas para serem educadas nos conventos de Portugal, Hespanha ou Italia. Apenas viu a corte que alguns folhetos iam se imprimindo no Brasil, chegou um decreto régio proibindo a impressão de livros, papeis ou avulsos, sob pena de serem os infratores enviados presos para o reino, á ordem do Coselho Ultramarino. E que fazemos nós. Que temos feito nos até agora para modificar esse estado de coisas? Nada. Absolutamente nada. Devemos reagir. Precisamos reagir. Precisamos viver por nós mesmos e para nós. O que temos nos basta. E se havemos de encher de ouro as arcas dos fidalgos portuguezes, trabalhemos para nós, para engrandecer a nossa Patria, para instruir os nossos irmaos, dando-lhes escolas, oficinas e tudo o mais que lhes for necessario.

TÉCNICA - Tres batidas espaçadas.

Toledo - Talvez seja o Padre Rolim.

Gonzaga - Ou o Coronel Joaquim Silvério.

Tiradentes - Esperemos as outras tres pancadas.

TÉCNICA - Tres pancadas espaçadas.

Andrade - É dos nossos.

Toledo - Irei abrir a porta a quem fór.

TECNICA - (Passos que se afastam)

Tiradentes - A reunião de hoje eu a convocára para participar-vos a minha intenção de partir para O Rio de Janeiro onde pretendo visitar um por um dos quartéis existentes e pregar a Independencia da nossa querida Patria. Vós continuareis a trabalhar aqui, se quizerdes, e dos sucessos que por lá me for possível obter pela graça de Deus, ireis tendo conhecimento por portadores de nossa absoluta confiança.

TÉCNICA - Passos que se aproximam.

Toledo - Alferes Xavier: Uma pessoa misteriosa, completamente embaçada, insiste em ser recebida nesta reunião, dizendo ter graves comunicações a fazer-nos.

Andrade - Quem será?

Gonzaga - Que comunicações poderão ser?

Toledo - Não sei, nada quiz adiantar embora eu bastante tivesse insistido.

Tiradentes - Não disse o seu nome ou de parte de quem nos procura?

Toledo - Absolutamente nada. Repetiu com insistencia que o assunto é grave e de urgencia.

Alvarenga - Parece-me uma imprudencia admitir-se a entrada de tão misteriosa creatura.

Gonzaga - Efetivamente. Não deveremos permitir que entre sem que seja identificada.

Andrade - Ou pelo menos que nos diga da parte de quem nos procura.

Toledo - O que dizeis, Alferes?

Tiradentes - Faça-a entrar, senhor, Padre Toledo.

Toledo - Perfeitamente.

TÉCNICA - Passos que se afastam.

Alvarenga - É uma loucura Alferes o que ^{idei} vai fazer.

Gonzaga - É quasi uma temeridade.

Tiradentes - Loucura ou temeridade essa creatura sabe onde nos reunimos e para que nos reunimos. Será melhor ouvir o que nos tem a dizer do que despacha-la sumariamente. Se algum de vós ~~tiver~~ medo de enfrenta-la poderá retirar-se.

TÉCNICA - Passos que se aproximam.

Toledo - Aqui está ela, Alferes Xavier.

Misteriosa - Boa noite, senhores.

TODOS - Boa noite.

Tiradentes - Tirei vossa capa e descobri vosso rosto.

Misteriosa - Não posso.

Andrade - (baixo, assombrado) É uma senhora!

Tiradentes - O que tendes de tão importante para nos comunicar?

Misteriosa - Sei o que fazeis e porque estais aqui reunidos. Não me pergunteis quem sou nem da parte de quem venho porque não vos poderei dizer. Quero apenas avisar-vos de uma coisa: O Governador conhece todo o vosso plano de libertação!

TODOS - Oh!...

Alvarenga - Não é possível!

Misteriosa - Conhece-o com todos os detalhes, afianço-vos. O que vos resta fazer é queimar todos os papeis que por acaso tiverdes e que vos possam comprometer. Se não fizerdes o que vos aconselho, sereis todos presos. Era o que tinha para dizer-vos. Boa noite.

TÉCNICA - Passos que se afastam.

Andrade - É incrível o que acaba de acontecer.

Gonzaga - Alarmante, digo eu.

Alvarenga - O que faremos agora?

Toledo - Parece-me que o mais acertado é fugir.

Tiradentes - Fugir, Padre Toledo? É incrível que sejais vós quem nos sugeris uma tamanha covardia.

Toledo - Parece-me, Alferes Xavier, que de nada adeantaria um sacrificio quando elle fosse totalmente inutil á causa. Foragidos, embora, poderiamos continuar a trabalhar pela liberdade!

Tiradentes - Pois bem, fugi vós todos, se quizerdes. A advertencia que acaba de nos fazer esta misteriosa creatura em nada ha de arrefecer o meu entusiasmo. Continuarei a trabalhar pela Independencia do Brasil com o mesmo ardor e a mesma impetuosidade com que o tenho feito até agora. Podereis dissolver o vosso grupo, queimar os documentos em vosso poder, desistir até mesmo da luta mas sabei que eu continuarei a trabalhar. Embarcarei amanhã mesmo para o Rio e só regressarei a Vila Rica quando tiver assegurada a Independencia do meu muito amado e querido Brasil!...

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

Juracy - E ao dia seguinte dessa reunião, um jovem impetuoso e ardente embarcava para o Rio de Janeiro em busca dos elementos que julgava indispensaveis á liberdade e Independencia da sua querida Patria!

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

DOM LUIZ - Que entre o enviado especial do Senhor Governador da Provincia de Minas Gerais.

TÉCNICA - Passos que se afastam.

Dom Luiz - Vamos a ver que novas me manda o senhor Visconde de Barbacena. Para mandar-me um enviado especial deve ser negocio de grande importancia, ao menos para o senhor Governador. (Pausa) Aproxime-se, senhor.

TÉCNICA - Passos que se aproximam.

SILVÉRIO - Senhor Vice Rei Dom Luiz de Vasconcelos - Sou o Coronel Joaquim Silvério dos Reis, enviado especial do senhor Visconde de Barbacena.

Dom Luiz - Que novas traz?

silvério - Uma carta do senhor Governador. Aqui a tendes, senhor Vice Rei.

TÉCNICA - Ruido de rasgar envelope e abrir uma carta.

Dom Luiz - (Após uma pausa longa) Um movimento conspirador em Vila Rica.

silvério - E que rebentará muito em breve, segundo os planos dos conspiradores.

Dom Luiz - São uns loucos! Uns visionários! Uns sonhadores! Pobres diabos! Nem merecem a nossa atenção. O Visconde de Barbacena empresta demasiado zelo á coisa de tão pouca importancia. O que poderão fazer esses pobres diabos lá em Vila Rica?

silvério - Tem feito muito, senhor Vice Rei. Não vos iludais. Ha na conspiração nomes de valor nas letras do lugar e figuras representativas da sociedade e até mesmo do clero. E além disto as suas actividades não se limitam somente a Vila Rica. Encontra-se aqui no Rio o Alferes José Joaquim da Silva Xavier - um dos principais cabeças do movimento e que aqui veio expressamente com a missão de levantar as forças nos quartéis.

Dom Luiz - Conheceis esse indivíduo?

silvério - Sim, senhor Vice Rei. Privei algumas vezes com ele em Vila Rica e durante a viagem, acidentalmente, nos encontramos. Se trago a vosso conhecimento todos esses fatos é porque penso cumprir assim um dever de fidelidade e não porque seja meu intento ver a ruina de qualquer pessoa.

Dom Luiz - Muito bem. sabeis onde se hospeda aqui no Rio o Alferes Xavier?

Silvério - Não será difícil descobrir, senhor Vice Rei.

Dom Luiz - Pois muito bem, senhor Coronel Joaquim Silvério dos Reis. O que tendes a fazer, em primeiro lugar, é descobrir onde mora o alferes. Disto na data imediata comunicação, tão pronto o tendeis descoberto. A seguir procurareis estar sempre em contacto com ele, dando-me parte de todas as suas actividades nos quartéis ou por onde ele tiver pregado a sua doutrina. Por ora ~~exagerancia~~ parece-me que o essencial é que esteja sempre vigiado e essa vigilancia será muito mais produtiva quando feita por uma pessoa que o conheça e dele possa se aproximar sem despertar-lhe suspeitas.

Silvério - Sem dúvida, senhor Vice Rei, sem dúvida.

Dom Luiz - Enquanto isto, mandarei preparar vários calabouços para que neles paguem os culpados os seus hediondos crimes. (Pausa) Diga-me senhor Coronel Silvério dos Reis: assististes vós alguma reunião dos Conspiradores?

Silvério - Uma, senhor Vice-Rei.

Dom Luiz - E como fostes lá ter?

Silvério - Conversando com os poetas Inácio de Alvarenga Peixoto e Thomaz Antonio Gonzaga, disseram-me eles que costumavam reunir-se à noite, muitas vezes, para conversar sobre poesia, arte, literatura, que as suas reuniões corriam sempre muito agradáveis entre a leitura de uma poesia escrita por um ou por outro e os comentários sobre qualquer livro novo ou artigo de jornal que lhes viesse às mãos. Como tivesse manifestado o desejo de assistir a uma dessas reuniões, convidaram-me então para a primeira que se realizaria depois desse nosso encontro e que seria na casa do Senhor Tenente Coronel Freire de Andrade. No dia aprazado lá me apresentei e com enorme surpresa verifiquei que do que menos se falou foi sobre poesia, arte ou literatura.

Dom Luiz - Era uma reunião politica.

Silvério - Nada mais do que isto, senhor Vice Rei.

Dom Luiz - E o que fizestes então?

Silvério - ^{o ocorrido} Comuniquei imediatamente ao ~~Viz~~ Senhor Visconde de Barbacena que me ordenou então de continuar a assistir as reuniões para trazê-lo sempre ao par dos acontecimentos. E assim fiz.

Dom Luiz - Muito bem. sabeis agora o que deveis fazer com relação ao alferes Xavier, não é verdade?

Silvério - Sei, senhor Vice Rei. As vossas ordens serão fielmente cumpridas.

Dom Luiz - Perfeitamente. Podeis retirar-vos agora.

Silvério - (como quem faz uma mesura) Senhor Vice Rei...

TÉCNICA - Passos que se afastam. -Toque de clarim.

CARMEN - E enquanto no Rio de Janeiro esses acontecimentos se desenrolavam, em Vila Rica aqueles que, não obstante da advertencia da misteriosa creatura que os procurara, conservavam-se fieis à sua ideia de liberdade, aguardavam, ansiosos e suspensos, uma qualquer noticia que lhes fortificasse mais as esperanças. E por motivos que eles não chegavam a compreender, a "derrama" ainda não fora lançada.

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

Toledo - Senhor Coronel Freire de Andrade, aqui me tem.

Andrade - Tivestes alguma noticia do nosso alferes, Padre Toledo.

Toledo - Nenhuma. E este silencio já começa a inquietar-me.

- Andrade - Nem mesmo do Coronel Joaquim silvério ha qualquer nova.
- Toledo - Eu às vezes penso que o Alferes talvez não nos escreva com o receio de comprometer-nos. Admitindo-se como verdadeiras as palavras daquela misteriosa creatura que nos procurou na nossa ultima reunião, o Alferes forçosamente ha de compreender que qualquer carta que se destine a um de nós não poderá deixar de ser violada pelos funcionarios do Governador.
- Andrade - A não ser que ela nos viesse em mão de um portador de confiança.
- Toledo - De qualquer forma eu não acredito que o Alferes Xavier esteja inativo no Rio de Janeiro.
- Andrade - Tanto mais que levava daqui o firme propósito de levantar os quartéis antes que a derrama aqui tivesse sido lançada.
- Toledo - É verdade, e por falar neste assunto, não achais extranho, Coronel Andrade que até agora não tenha saído nenhum decreto neste sentido?
- Andrade - É realmente extranho mas não posso acreditar que tal demora tenha qualquer relação com a nossa causa. Quem lhes poderia ter ido contar que esperavamos a derrama para fazer estalar o movimento?
- Toledo - Não sei. O que sei é que os decretos já estavam prontos e assinados para que fosse feita a cobrança dos impostos em atraso e até hoje esses decretos não vieram à luz.
- Andrade - Bem, de qualquer forma precisamos estar preparados para qualquer emergencia. É conveny que estejamos sempre nos avistando e trocando constantemente impressões sobre o que tivermos observado.
- Toledo - Dizei-me, Coronel Andrade: e se de uma hora para a outra for lançada a derrama ~~xxxx~~ o que faremos nós?
- Andrade - O que ficou combinado.
- Toledo - Mesmo na ausencia do Alferes Xavier?
- Andrade - Ele de lá ha de correr em nosso auxilio. O que não podemos de forma nenhuma é perder uma oportunidade destas que ha de arrastar commosco o povo descontente.
- Toledo - Reunimo^{nos}-emos todos nas cercanias de Vila Rica e à noite invadiremos com grande tumulto as ruas aos gritos de Viva a Liberdade!
- Andrade - Eu sairei então com as minhas tropas sob o pretexto de abafar o motim até receber a noticia de que prenderam o Governador. Ai então proclamar-se-á a Republica em Vila Rica.
- Toledo - E decretar-se-á logo a pena de morte contra aqueles que não aderirem à nova ordem.
- Andrade - Em seguida chamaremos todos os conjurados das diversas comarcas, os quais, à frente das forças que tiverem reunido prestarão juramento de fidelidade e obediencia às novas instituições e ao governo provisorio.
- Toledo - O gargento mor da cavalaria de São João del Rei, o senhor Luiz Vaz de Toledo Piza, guardará a estrada do Rio e de São Paulo de modo a prevenir qualquer ataque ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ que possa de lá vir contra nós.
- Andrade - Está tudo, portanto, bem previsto e ordenado no sentido de garantir o sucesso da conspiração. O aviso será dado a todos por meio de uma senha. E esta será distribuida entre os conjurados na primeira reunião que tivermos realizado.
- Toledo - Poderia ser amanhã mesmo, à noite, caso não visseis inconveniente.
- Andrade - Sim, poderá ser amanhã. Avisai então a todos que puder^{des}, senhor Padre Toledo.

Toledo - Perfeitamente, senhor Coronel Andrade.

TÉCNICA - Passos que se aproximam.

Andrade - Que novidade vos traz por cá a estas horas, desembargador Thomaz Antonio Gonzaga?

Gonzaga - Venho em busca de noticias. Não ha nada?

Toledo - Absolutamente nada. Combinavamos uma reunião para amanhã à noite. Será distribuida a senha para aguardarmos então o lançamento da derrama.

Gonzaga - Muito bem. Casualmente vou agora mesmo a casa de mais dois conjurados e já poderei dar-lhes este aviso.

Andrade - Ide então e não percai tempo, senhor Desembargador.

Gonzaga - Até amanhã então, meu amigos.

TÉCNICA - Passos sempre à mesma altura do microfone. - Ruido de abrir e fechar a porta.

Gonzaga - Que desejais, senhores?

Uma voz - Nem uma palavra. Subi para o carro imediatamente. Estais preso em nome do senhor Vice Rei Dom Luiz de Vasconcelos.

TÉCNICA - Ruido de carro a se afastar. Quando este se perde completamente na distancia - Toque de clarim.

Juracy - Thomaz Antonio Gonzaga foi o primeiro dos conspiradores presos. Sua prisão foi tão inesperada quanto discreta afim de que os seus companheiros não se puzessem a salvo. Era esta a primeira célula partida. Outras se partiriam apos, mas a semente ficaria plantada em solo fecundo para germinar um dia ao brilho de um sol diferente!

Carmen - E enquanto estes acontecimentos se desenvolviam em Vila Rica vejamos o que fazia Tiradentes no Rio de Janeiro.

TÉCNICA - Toque de clarim. - Pausa - Batidas na porta.

Tiradentes - Entre.

TÉCNICA - Ruido de porta que se abre - Passos que se aproximam.

Tiradentes - Ah, é a senhora dona Engracia?

Engracia - Sim, Alferes, sou eu.

Tiradentes - Vem reclamar o pagamento do quarto, não é isto? Hei de pagar-lhe amanhã sem falta. Tenho estado tão ocupado que não me tenho lembrado disto.

Engracia - Não é isto o que me traz aqui. É assunto muito mais importante, Alferes

Tiradentes - Neste caso queira dizer ao que vem.

Engracia - Eu desejava avisá-lo que o Alferes anda sendo seguido por dois individuos que já aqui estiveram a saber de mim quando se tinha hospedado em minha casa, quando pensava partir, quais as visitas que recebia e uma série de perguntas mais que me fizeram acreditar que fossem eles homens da guarda do senhor Vice Rei.

Tiradentes - Estavam fardados?

Engracia - Não, Alferes, estavam à paisana mas estou em afirmar-lhe que eram soldados. Ao sair pareceu-me que faziam sinais a um outro homem que se achava à janella da casa que nos fica em frente. Como outro dia já me vieram avisar que eu me poderia comprometer abrigando em minha casa pessoas que exerciam atividades suspeitas...

Tiradentes - Já sei. Quer que eu abandone a sua casa, não é verdade?

Engracia - sim, tenho muito receio de qualquer aborrecimento com a policia. Eu não desejava porem deixa-lo assim ao desabrigo e lembrei-me então de enviá-lo à casa de uma amiga que mora na rua dos Latoeiros e que tem um sótão desocupado onde o Alferes poderia estar mais à vontade.

Tiradentes- Pois muito bem, dona Engracia. Faça-me então uma carta de recomendação para a sua amiga e hoje mesmo deixarei a sua casa.

Engracia - O senhor me perdõe, sim Alferes? Não vá levar a mal o meu oferecimento, mas o senhor compreende... qualquer coisa que pudesse haver contra o senhor viria prejudicar muito a minha casa. Depois o homem que mora ali à frente passa os dias a olhar para a minha casa por entre as frestas da janela. Isto põe-me tão nervosa, tão aflita. Ha dois dias que estava para falar-lhe no assunto e faltava-me a coragem. Ontem aí vieram os individuos que lhe falei e não pude mais ter descanso enquanto não lhe vim dizer isto. Não me vai ficar a querer mal, não é verdade?

Tiradentes- Ora, dona Engracia, absolutamente. Não se preocupe por isso.

Engracia - É que o senhor foi sempre tão ~~xxx~~ correto aqui em casa e tão bom para mim. Nunca me esqueço que foi o senhor que me tratou e me curou quando dois dias depois de ter vindo para a minha casa eu caí doente.

Tiradentes- Nada disto tem importancia. O importante é que a senhora me dê a carta de recomendação para a sua amiga da rua dos Latoeiros que hoje mesmo à noite me mudarei para lá. Se estou sendo seguido, como afirma, devo procurar ocultar-me. A Patria precisa de mim!

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

Carmen - E naquela mesma noite o ~~xxxxxx~~ martir da Independencia, Reunindo a sua modesta bagagem, transportou-se para o sótão de um sobrado à Rua dos Latoeiros. Na manhã seguinte a primeira coisa que fez foi procurar o proprio Vice Rei, Dom Luiz de Vasconcellos.

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

Dom Luiz - O que desejais, Alferes?

Tiradentes- senhor Vice Rei: de uns tempos a esta parte venho notando que dois granaudeiros vestidos à paisana, de bigodes cortados, seguem-me à distancia por toda a parte. Como uma vigilancia dessa natureza só se costuma ter para os individuos suspeitos tomei a resolução de vir à vossa presença perguntar si existe alguma queixa ou suspeita contra mim.

Dom Luiz - Não, Alferes, nada consta aqui contra o vosso procedimento. Se o que dizéis não passar de uma suspeita de vossa parte, talvez estejais então sendo vigiado por qualquer outro motivo que não seja de carater politico.

Tiradentes- Posso afirmar ao senhor Vice-Rei que ignoro a existencia de qualquer motivo que possa justificar essa vigilancia. se eu tiver cometido qualquer falta estou nas vossas mãos para receber o castigo que me for imposto, caso contrario aproveito então a oportunidade para pedir-vos que me seja concedido o passaporte para voltar a Vila Rica. Minha licença esta por terminar e os recursos com que me poderia manter aqui já começam a escassear.

Dom Luiz - Alferes: dada a multiplicidade de assuntos em que me vejo obrigado a depositar toda a minha atenção nestes dois ou tres dias que se ~~xxxxxx~~ não de seguir, recomendo-vos de permanecer ainda no Rio este resto de semana quando vos será fornecido o passaporte para voltardes a Vila Rica. Quantos dias ainda vos restam de licença?

Tiradentes-Doze dias, senhor vice-rei.

Dom Luiz - Muito bem. Dequi a cinco dias então, podereis procurar-me novamente.

Tiradentes- Perfeitamente, senhor Vice Rei. E agora retiro-me com a vossa licença.

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

Juracy - E Tiradentes retirou-se do Palácio do Vice-Rei na convicção de que dentro em pouco poderia estar de regresso a Vila Rica. Longe estava de imaginar que a morte já começava a rondar-lhe os passos.

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM

Engracia - O que desejais senhor?

Dragão - Procuro o Alferes José Joaquim da Silva Xavier.

Engracia - Já aqui não se encontra, meu senhor? Faz dois dias que mudou-se de minha casa.

Dragão - E para onde foi ele? Qual o seu novo endereço?

Engracia - Desconheço-o, meu senhor. Ao deixar esta casa afirmou-me que voltava para Vila Rica e que de lá ~~me~~ mandaria a importância que me ficou a dever.

Dragão - Sabei senhora que venho com ordens do senhor Vice-Rei de levar preso o ~~senhor~~ Alferes Xavier. Se faltais à verdade podereis pagar com a vida o auxílio que lhe pretenderdes emprestar.

Engracia - Juro-vos senhor que estou dizendo a verdade. Si duvidais podeis revistar a minha casa.

Dragão - Eu ficarei aqui de guarda à porta enquanto o meu companheiro procederá a uma busca em todo o prédio.

Engracia - Pois não. Podeis entrar então, senhor.

Dragão - A senhora ficará também aqui.

Engracia - Perfeitamente, como quizer. (gritando) Minervina: esse senhor vai revistar o prédio todo. Quando ele houver terminado o andar térreo suba com ele e leve o lanpeão. Podeis ir, senhor.

TÉCNICA - Passos que se afastam.

Engracia - Porque o procurais, senhor? É ele, por acaso, algum criminoso?

Dragão - Sim. É dos maiores crimes que se pôde cometer. O crime de traição à Coroa de Portugal.

Engracia - Compreendo então agora porque me disseram que não o deveria ter em casa, mas sabeis senhor que infelizmente não nos é dado advinhar as coisas.

Dragão - Já esteve alguém aqui a sua procura desde que deixou esta casa?

Engracia - Não senhor. Absolutamente ninguém. E nem mesmo quando ele aqui ainda morava lembro-me de que ele tivesse recebido qualquer visita. Parecia um homem muito quieto, muito socegado. Recolhia-se cedo e mesmo durante o dia estava quasi sempre encerrado em seu quarto estudando.

Dragão - O que estudava ele?

Engracia - Não sei. Nunca tive a curiosidade de olhar os seus livros. Sei que estudava porque trazia invariavelmente aberta a porta do seu quarto e ao passar pelo corredor, na lida da casa, avistava-o sempre.

Dragão - Ha quantos dias dizeis que deixou esta casa?

Engracia - Dois dias, senhor.

Dragão - E disse-vos que voltava a Vila Rica, não foi isto?

Engracia - Sim senhor.

Dragão - Admitindo que tenha dito a verdade ^(ainda) não poderá ir muito longe. Não será tão difícil alcançá-lo. Ha de pagar no fundo de uma masmorra a sua audácia de querer separar o Brasil do Reino de Portugal.

Engracia - Ah! Era então isto o que ele desejava?

Dragão - "Apenas" isto.

Engrácia - Pobre visionário!

Dragão - Grandessíssimo atrevido é o que ele é. Mas o senhor Vice rei ha de faz o fazer baixar a sua grimpa.

Engrácia -Veja só. Quem olhasse para ele não seria capaz de dizer. Como enganam as aperecias.

TÉCNICA - Passos que se aproximam.

Engrácia - Não encontrou nada, não é verdade? Eu bem vos havia dito que ele aqui já não estava. Porque razão haveria de procurar oculta-lo? Se ele aqui estivesse seria eu mesma a primeira a denuncia-lo. Tenho verdadeiro horror a complicações e muito principalmente em questões desta natureza. Desejais mais alguma coisa, senhores?

Dragão - Nada. Boa noite.

Engrácia - Boa noite, senhores.

TÉCNICA - Passos que se afastam.

Engrácia - Pobre homem! Criminoso por pretender a liberdade de sua Patria! Como são injustos os homens, meu Deus!...

TÉCNICA - Toque de clarim.

Carmen - Este foi, carissimos ouvintes, o segundo episódio do Teatro Historico da Radio Difusora de Porto Alegre que Roberto Lis escreveu, dirige e interpreta com os seus artistas. Foi a seguinte a distribuição do episódio que acabaram de ouvir:

(Juracy fala):

(Os artistas respondem):

Visconde de Barbacena

Roberto Lis

Coronel. Joaquim silvério dos Reis

Luiz Cataldo

Tenente Coronel Freire de Andrade

Edmundo Lis

Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga

Alfredo Chaves

Ignácio de Alvarenga Peixoto

Carlos Moré

Padre Toledo

Claudio Real

Alferes José Joaquim da Silva Xavier

João Bergmann

A Personagem misteriosa

Branca Margarita

Dom Luiz de Vasconcelos e Souza

Roberto Lis

Um dragão

Carlos Moré

Engrácia

Lilia Maria

Outro Dragão

Alberto de Macedo

Prestam tambem o seu concurso a este programa Carmen de Alencar

(Fala a Carmen) e Juracy de Oliveira.

Juracy - ROBERTO LIS E SEU ARTISTAS APRESENTARAM:

Carmen - AO BOAR DO CLARIM!...

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

Speaker - Ouça amanhã, às mesmas horas de hoje o 3º Episódio deste programa.

Juracy - No Rio de Janeiro começara a busca para a captura de Tiradentes. Este, entretanto, avisado por pessoas amigas de que estava sendo seguido, ocultara-se num sótão da Rua dos Latoeiros, onde iremos encontra-lo.

Carmen - É a seguinte a distribuição do episódio de hoje:

(Fala a Carmen):

(Responde o artista):

- Dom Luiz de Vasconcelos
- Um Dragão
- Joaquim Silvério dos Reis
- Maria Dorotea Seixas
- Padre Toledo
- Dona Engracia
- Visconde de Barbacena
- Outro Dragão
- Padre Nogueira
- Tiradentes
- Uma empregada

- Roberto Lis
- Edmundo Lis
- Luiz Cataldo
- Liney de Andrade
- Claudio Real
- Lilia Maria
- Roberto Lis
- Alfredo Chaves
- Carlos More
- João Bergmann
- ~~Marilyn~~

Prestam tambem o seu concurso a este programa, como locutoras - Juracy de Oliveira

Juracy - E Carmen de Alencar.

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

Dom Luiz - Que novas ha?

Alc.

Dragão I - Não encontramos mais o Alferes Xavier na casa indicada, senhor Vice-Rei.

Dom Luiz - Como assim?

Dragão - Informou-nos a dona da casa que ele havia saído de lá ha dois dias dizendo que regressaria a Vila Rica.

Dom Luiz - Não pode ser. Impedi que lhe fôsse dado o passaporte para retê-lo aqui no Rio. Revistaram a casa?

Dragão - Toda, senhor Vice Rei. Ele não está mais lá.

Dom Luiz - Fugiu então! Se realmente voltou a Vila Rica é signal que a revolução vai estalar. Faça expedir imediatamente aviso para Minas afim de que o prendam logo que lhe ponham os olhos em cima. Mande distribuir pa trulhas por toda a cidade e escoltas por todos os bairros visinhos. É necessário prendê-lo o quanto antes.

Dragão - Perfeitamente, senhor Vice-Rei.

TÉCNICA - PASSOS QUE SE AFASTAM.

Dom Luiz - Se eu não conseguir agora deitar-lhe a mão não de me acusar de ter deixado escapar a mais preciosa presa desta insurreição. Ah mas não lhe ha de ser tão facil de fugir como ele pensa, não. Lançarei mão de todos os recursos de que disponho, sim, é preciso fazer isto. Se ele conseguir escapar e a revolução tomar corpo não só ficarei desprestigiado e desmoralizado perante a corte como ainda estarei arriscado a pagar quem sabe até se com a própria vida, o cargo que desempenho.

TÉCNICA - Passos que se aproximam.

Dragão - As vossas ordens foram transmitidas, senhor Vice rei.

Dom Luiz - Muito bem.

Dragão - O senhor Coronel Joaquim Silvério dos Reis solicita-vos uma audiencia senhor Vice Rei.

Dom Luiz - O Coronel silvério dos Reis? Faça-o entrar imediatamente.

TÉCNICA - Passos que se afastam.

Dom Luiz - Talvez me traga alguma noticia do Alféres Xavier. Arrependo-me de não o ter mandado prender quando aqui estive. É verdade que se o não fiz foi porque desejava entrar primeiro no conhecimento exato de toda a trama, e solto ele nos ofereceria muito mais elementos para isto do que aprisionado. Bem, estas reflexões agora são totalmente inúteis. De nada mais adiantam. Ele fugiu e o essencial agora é mandar procurá-lo e metê-lo nas grades.

TÉCNICA - Passos que se aproximam.

Dom Luiz - Entre.

silvério - Com a vossa licença, senhor Vice Rei.

Dom Luiz - Que novas traz?

silvério - O Alféres Xavier desapareceu da casa em que se hospedava senhor Vice-Rei.

Dom Luiz - Já fui informado a respeito. E sabeis, acaso, onde se encontra?

silvério - Ainda não consegui descobrir o seu paradeiro.

Dom Luiz - Pois é necessário descobri-lo, a qualquer preço.

silvério - Farei diligencia, senhor Vice-Rei.

Dom Luiz - Pois muito bem. Ativai-vos então, senhor Coronel, e só aparecei aqui quando tiverdes noticia do seu paradeiro. Uma vez descoberto este, juro que não nos ha de escapar.

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

Juracy - E enquanto isto, em Vila Rica, as prisões se sucediam. Depois do Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, deixou-se prender o velho Domingos de Abreu Vieira. A seguir, o Dr. Ignacio José de Alvarenga Peixoto. O Padre Carlos ~~Xix~~ Correa de Toledo e Melo, ~~xixxxxxxxxx~~ logo após a prisão de Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, vai a casa de sua noiva, Dona Maria Dorotéa Seixas, comunicar-lhe o ~~que~~ ocorrido, sem talvez imaginar que a proxima vítima seria ele mesmo.

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

Maria - Estou às vossas ordens, reverendo Padre Toledo.

Toledo - senhora Maria Dorotéa Seixas, trago-vos más noticias.

Maria - (aflita) Más noticias, dizeis, reverendo padre? Falai, por Deus, estou aflita.

Toledo - Tende calma, entretanto, e confiai na justiça divina, senhora.

Maria - Falai, por favor, Padre Toledo, falai. Eu não posso mais de ansiedade.

Toledo - O desembargador Thomaz Antonio Gonzaga...

Maria - (aflita, interrompendo-o) O que lhe aconteceu, senhor Padre?

Toledo - Foi preso ontem à noite.

Maria - Preso o meu noivo?! Porque, senhor Padre, dizei.

Toledo - Não sei se deva...

Maria - Falai, por Deus. Prefiro a verdade, por mais cruel que ela seja.

- Toledo - Ouvi, então: o desembargador Gonzaga, com eu e muitos outros, fazia parte de uma conspiração que se tramava as ocultas para concertar os planos da Independência do Brasil. Reuniamos-nos geralmente em casa do Coronel Freire de Andrade ou do doutor Alvarenga Paixoto...
- Maria - Compreendo agora as reuniões literárias a que se referia ele.
- Toledo - Numa das ultimas reuniões que realizamos alguém nos avisou de que o Governador da Província estava informado das nossas atividades revolucionárias. Era tarde demais para recuar e tratamos então de apressar o movimento. Ontem, à saída da casa do Coronel Andrade, seu noivo foi preso por dois dragões. Só hoje fomos informados da sua prisão e apressamente em vir dar-vos conhecimento dessa infausta nova e trazer -vos o consolo da nossa solidariedade e da nossa estima.
- Maria - (sufocada) Muito obrigada, Reverendo Padre.
- Toledo - Sei que o mesmo destino nos aguarda. A mim e aos que, por motivos que ainda não atinamos, ainda se encontram em liberdade, mas de qualquer forma felicito-me por ter sido poupado até agora porque ao menos assim ainda me é dado o consolo de trazer aos que - como vós - sofrem as consequências do nosso idealismo, a palavra de fé ~~de~~ que o nosso esforço não será em vão e que o Brasil ~~ha~~ de resurgir amanhã ou mais tarde, para a liberdade que todos ambicionamos.
- Maria - Padre Toledo, tenho o meu coração angustiado pela incerteza do que poderá vir a acontecer ao meu querido poeta, tenho mesmo o presentimento de que alguma coisa terrível está para acontecer, mas seja lá o que for, sofra eu o que vier a sofrer, de qualquer forma sinto-me orgulhosa de que o meu noivo tenha sido, como vós e tantos outros, um dos pioneiros do movimento de separação.
- Toledo - Eu sabia, senhora Maria Dorotéa, que não era só no coração dos homens que se abrigava este sentimento.
- Maria - Mas eu queria fazer qualquer coisa por ele, senhor Padre Toledo. Riza Inspira-me. Dizei-me, por favor, o que poderei fazer por meu noivo.
- Toledo - Podeis fazer muito, senhora Maria Dorotéa, muito. Podereis rogar a Deus por ele... por todos nós... e pelo nosso Brasil!
- TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.
- silvério - Sois a dona desta casa, não é verdade?
- Engrácia - Sim senhor, para o servir.
- silvério - E foi aqui que morou o Alferes José Joaquim da Silva Xavier, não é assim?
- Engracia - Efetivamente, foi aqui que ele morou mas já nos deixou ha alguns dias.
- silvério - E sabeis, por acaso, onde se encontra ele atualmente?
- Engracia - Ignoro-o meu senhor.
- silvério - Se o sabeis não tenha receio em dizer porque sou um dos amigos do Alferes e tenho premente necessidade de avistar-me com ele.
- Engracia - Não, meu senhor, juro-lhe que não sei.
- silvério - Muito bem. Dizei então: mora aqui, por acaso, o Padre Ignácio Nogueira?
- Engracia - É meu sobrinho, mas também não reside aqui. Vem aqui uma vez ou outra à noite para conversar um pouco.
- silvério - Pois muito bem, seu sobrinho foi procurar-me de parte do Alferes Xavier de quem me levou um recado. Precisava agora dar-lhe a resposta do recado que me trouxe mas como ignoro o seu endereço, vim aqui solicitá-lo afim de poder dar ao Alferes Xavier a solução do ~~o~~ assunto que me incumbiu por intermedio do Padre Nogueira.

Engrácia - Não poderíeis vós dar-me o vosso endereço para que o meu sobrinho o procurasse em vossa casa, senhor?

silvério - O assunto é de grande urgencia e não permite maiores delongas. Ou dar-me-eis o endereço de vosso sobrinho ou sereis a causa de um grande prejuizo para o senhor Alferees Xavier.

Engrácia - Bem, se assim é, esperai um instante.

TÉCNICA - Passos que se afastam.

silvério - De pôsse do endereço deste Padre já não me será difícil descobrir onde se encontra refugiado o Alferees. Ele foi me procurar em nome dele mas teve o cuidado especial de ocultar onde se encontra. No momento achei prudente não insistir, para não levantar suspeitas no seu espirito, mas se torno a avistar-me com ele ha de contar-me tudo por bem ou por mal. Preciso desempenhar-me a contento da missão que me confiou o senhor Vice Rei Dom Luiz de Vascelos e Souza. "Não me torne a aparecer aqui sen que seja para me dizer onde se encontra ele" foi o que me disse o Vice-Rei...

Técnica - Passos que se aproximam.

silvério - Silencio, ela aí vem.

Engrácia - Aqui tendes, senhor, por escrito, o endereço onde podereis encontrar o padre Ignacio Nogueira.

silvério - Perfeitamente, minha senhora. Hei de procura-lo agora mesmo. Passai bem, senhora, e perdoai se a vim importunar.

Engrácia - Ora, senhor, por quem sois. Às vossas ordens sempre.

silvério - Muito obrigado, senhora.

TÉCNICA - Passos que se afastam.

Engrácia - Não sei porque... não me agrada esta cara. Tenho o presentimento de que fiz mal dando-lhe o endereço do meu sobrinho. ~~Quar~~ Não lhe devia ter dito a verdade. Deveria ter continuado a mentir. E se ele não for, como diz, um amigo do Alferees Xavier? Irão prende-lo e mata-lo, até, talvez. Bem, paciencia. O que for soura. Agora, se tiver feito mal, já não haverá mais remedio. só o que me resta fazer é pedir a Deus que inspire o Padre Nogueira quando tiver que responder a esse homem!

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

Juracy - E neste meio tempo, em Vila Rica.

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

Barbacena - Procederam as diligencias indicadas para a descoberta e captura da misteriosa embuçada que andou a avisar de porta em porta aos nossos inimigos que se puzessem a fresco?

Ref. Dragão II - Temos procurado com todo o empenho descobrir quem seja ela, senhor Governador, entretanto até o presente momento têm sido infrutíferos os nossos esforços.

Barbacena - Não forçaram a confissão dos que se encontram presos?

Dragão II - ~~Temos feito tudo que nos é possível, senhor Governador.~~ Já, senhor Governador. Eles afirmam ignorar quem é.

Barbacena - Tem que ser punida esta audaciosa creatura. É absolutamente necessário fazer-se alguma coisa.

Dragão - Temos feito tudo que nos é possível, senhor Governador.

Barbacena - Pois que se faça o impossivel. O que não é possível de forma nenhuma é continuar este estado de coisas. Parece mentira que os nossos ini-

migos escarneçam de nós às nossas barbas. O que fazeis vós os encarregados da vigilância do poder?

- Dragão - Lembramo-nos de deixar ainda em liberdade, por mais alguns dias, dois ou tres dos implicados no movimento para ver se ela os procura novamente e conseguimos deitar-lhe a mão.
- Barbacena - Essa misteriosa creatura não pôde deixar de ser pessoa ligada a algum dos nossos servidores, do contrario não estaria tão bem informada sobre o que estava por acontecer. E isto, exatamente, o que mais me deixa revoltado e indignado é saber que temos entre os nossos pessoas que de coração estão ligadas aos ~~inimigos~~ miseráveis traidores.
- Dragão - O que mais me admira é que tendo sido eles avisados com antecedencia não tivessem procurado fugir do nosso alcance.
- Barbacena - É porque tinham a certeza de que haveriam de ser apanhados onde quer que se metessem e entregando-se sem resistencia à prisão esperavam merecer, ~~axxxxx~~ ao julgamento, a clemencia de sua Majestade.
- Dragão - O que dizeis, senhor Governador, da minha sugestão de deixar livres por mais alguns dias dois ou tres dos Inconfidentes? Não vos parece que a misteriosa creatura poderia ainda procura-los?
- Barbacena - Não sei. O que sei é que é necessário, o quanto antes, descobri-la, desmascara-la e puni-la. seu gesto foi de uma audacia que toca as raiz do atrevimento. Andar de porta em porta a casa dos nossos inimigos para dar-lhe conhecimento do que aqui dentro se resolvia sobre a sorte deles! Isto é demais, é demais. Não se pôde tolerar! Ide, senhor. Já não tenho mais calma de esperar. Ou me trazem aqui essa audaciosa avei-tureira ou eu estoiro porque já não posso mais conter a minha raiva!
- TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.
- Juracy - E enquanto isto, no Rio de Janeiro, Dom Luiz de Vasconcelos empregava todos os recursos de que dispunha para conseguir encontrar o alferes José Joaquim da Silva Xavier.
- TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.
- Dom Luiz - Faça entrar o senhor Coronel Joaquim silvério dos Reis.
- TÉCNICA - Passos que se afastam.
- Dom Luiz - Quero só ver que noticias me traz este agora. Ontem, quando aqui esteve disse-lhe que não voltasse sem me trazer noticias do Alferes Xavier. suponho que ele-as tenha conseguido do contrario não acredito que tivesse a coragem de voltar ao palacio. se o encontrou não resta a menor duvida que nos presta um grande serviço pois que o seu desaparecimento afora a grande preocupação que me traz, ainda poderá afetar muitissimo o meu prestígio junto a Corte, tanto mais que todos sabem que ele aqui esteve espontaneamente a conversar comigo. Não ha de faltar quem faça chegar esta noticia ao reino de Ultramar.
- silvério - (de longe) O Senhor Vice Rei me permite?
- Dom Luiz - Entra!, senhor Coronel Joaquim silvério.
- TÉCNICA - Passos que se aproximam.
- Dom Luiz - Alguma novidade a respeito do homem que procuramos?
- silvério - Sim, senhor Vice-Rei. Não descansei enquanto não as consegui.
- Dom Luiz - Encontrou-o, afinal?
- silvério - Não, mas trago-vos o endereço de uma pessoa que já esteve com ele na sua nova residencia?
- Dom Luiz - E essa pessoa quem é?

silvério - É o Padre Ignácio Nogueira.

Dom Luiz - Mais um religioso metido nessa mashorca?

silvério - É um sobrinho da dona da casa onde morava o Alféres Xavier.

Dom Luiz - Não estará também essa mulher metida nessa historia?

silvério - Creio que não, do contrário não nos teria dado o endereço do seu sobrinho.

Dom Luiz - Resta saber se não nos deu um endereço falso.

silvério - Foi o que receei a principio mas procurando-o verifiquei que ele era ex-
to.

Dom Luiz - E conseguiu falar ao Padre?

silvério - Sim. só não consegui arrancar-lhe o endereço do Alféres Xavier. Obstinou-se em não querer dizê-lo. Fiz-lhe todas as propostas, usei de todas as artimanhas e ele acabou por me declarar abertamente que havia prometido ao Alféres, sob juramento, guardar absoluto segredo do local em que ele se encontrava.

Dom Luiz -

~~Espera~~ Pois muito bem, se não o quiz dizer por bem ha de dizê-lo por mal. Hei de mostrar-lhe que nem mesmo um religioso pode fugir à autoridade dos governantes de uma colonia. Era só o que nos faltava agora. Onde podes encontrar o Padre Ignácio Nogueira?

silvério - Aqui tendes o seu endereço, senhor Vice Rei.

Dom Luiz - Muito bem. Hoje mesmo ele será preso e havemos de arrancar-lhe a confissão a qualquer preço. Ou nos dirá toda a verdade ou pagará com a vida seu silencio.

TÉCNICA - Campanha de chamada. - Pausa - Passos que se aproximam.

Dom Luiz - Aqui tendes o endereço de uma pessoa cuja presença é absolutamente precisa aqui ainda hoje. Mandai uma escolta a esse endereço e que ele seja aqui conduzido sem demora.

TÉCNICA - Passos que se afastam.

Dom Luiz - Hei de ensinar-lhe a guardar segredos para o Vice Rei do Brasil. Hei de ensinar-lhe a meter-se em assuntos que nada tem que ver com a Igreja. Ah mas hei de ser implacavel no castigo que lhe ha de ser imposto! Nunca mais - ouviu bem senhor Coronel? - nunca mais ha de meter-se em assuntos desta natureza. Nunca mais!

silvério - Ordenais mais alguma coisa senhor Vice Rei?

Dom Luiz - Nada mais, por óra. À noite podereis voltar ao palacio, é possível que sejam necessarios os vossos serviços.

silvério - Serão cumpridas as vossas ordens, senhor Vice Rei Dom Luiz de Vasconcelos. Com a vossa licença eu me retiro.

Dom Luiz - Ide.

TÉCNICA - Passos que se afastam.

Dom Luiz - Grandissimos canalhas! Miseraveis traidores! Loucos! Inconsequentes e audaciosos!... Ah! Mas hei de destrui-los todos, um por um. Não de pagar bem caro a sua audacia. E não de sofrer o que merecem pela sua arrogancia. Não terei a menor piedade deles. Não de pagar bem caro. Bem caro. Muito caro!

TÉCNICA - Toque de clarim.

~~Espera~~
Carmen - E Tiradentes, no seu refugio da rua dos Latociros, ^{esperava} aguardava o instante de poder regressar a Vila Rica, onde acreditava que o aguardassem

angiosos os seus companheiros de sonho e de ideal!

TÉCNICA - Toque de clarim.

Tiradentes - A senhora aqui dona Engrácia?

Engracia - É verdade, Alferes, eu mesma.

Tiradentes - O que vos traz a este sôtão?

Engracia - Estou muito preocupada com a vossa sorte, Alferes, foi por isto que vi

Tiradentes - Ora essa, preocupada porque?

Engracia - Porque sei que o procuram para alguma coisa que não ha de ser boa, tal a insistencia da procura. Ainda ontem estiveram lá em casa dois dragões que duvidando da minha palavra deram uma busca pela casa inteira, queriam a força que lhes dissesse o seu paradeiro mas jurei-lhe a pés juntos que o ignorava.

Tiradentes - Não se aflija por mim, dona Engrácia. Descanse que saberei defender-me

Engracia - Mas o motivo que me aflije é que lhe possam vir a descobrir aqui?

Tiradentes - Mas de que forma se ninguem sabe onde me encontro?

Engracia - É que ontem estive em minha casa um homem que disse ser seu amigo e ~~xxxxxxx~~ para quem o senhor mandara um recado por intermedio de meu sobrinho.

Tiradentes - É o Coronel Joaquim silvério dos Reis, então. E o que queria ele comigo, não disse?

Engracia - Disse que era assunto de grande urgencia e excepcional importancia mas só lhe poderia dizer ao proprio Alferes.

Tiradentes - E a senhora não lhe disse onde me poderia encontrar?

Engracia - Tive receio. Não sei porque meu coração abrigava o presentimento de que ele era portador de uma desgraça.

Tiradentes - A senhora está assombrada sem motivo, dona Engracia. O Coronel silvério dos Reis é meu amigo e com toda a certeza procurava-me para transmitir noticias de Vila Rica. A este a senhora poderia ter dito onde e me achava.

Engracia - Bem, de qualquer modo creio que ele virá encontra-lo mais tarde.

Tiradentes - Como assim?

Engracia - Como me tivesse negado a dar-lhe o seu endereço, alegando que o desconhecia, pediu-me ele que lhe indicasse onde poderia encontrar o Padre Nogueira que fora o portador do seu recado para ele. Como já lhe havia dito, ao principio da nossa palestra, que o Padre era meu sobrinho, não pude esquivar-me a dar-lhe o seu endereço.

Tiradentes - E ele teria ido procura-lo?

Engrácia - Creio que sim. Era essa a razão de toda a minha angústia. Receava, com essa confissão, vir a causar-lhe qualquer mal. Nem imagina que aflita fiquei depois. Não descansi enquanto não me foi possível vir avisá-lo. Felizmente as minhas suspeitas foram infundadas. Receava que ele se tivesse feito de seu amigo para assim, arditosamente, inteirar-se do seu endereço.

Tiradentes - Bem, façamos agora uma coisa: necessito saber o quanto antes o que tem o Coronel silvério dos Reis para dizer-me. se ele não tiver ido a casa do Padre Nogueira até ao cair da noite a senhora irá pedir ao seu sobrinho que o vá procurar de minha parte e que o traga aqui em seguida.

Engracia - Muito bem, Alferes. Pode estar descansado que hei de fazer o que me pede. Graças a Deus que era um amigo. Eu tinha tanto medo! Tanto medo!

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

Juracy - E ao escurecer daquela mesma tarde, de 10 de Maio de 1789:

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

Dom Luiz - sois o Padre Inácio Nogueira?

Padre - Eu mesmo, senhor Vice Rei.

Dom Luiz - Precisamos conversar muito seriamente. (Pausa) Conheceis^o Alferes José Joaquim da silva Xavier, / de Vila Rica?

Padre - Conheço.

Dom Luiz - De onde o conheceis, Padre Nogueira?

Padre - Da casa de minha tia onde ele se hospedava.

Dom Luiz - E já lá não mais se encontra ele, não é verdade?

Padre - Não, senhor Governador.

Dom Luiz - Sabeis, por acaso, o seu novo paradeiro?

Padre - Não, senhor Governador.

Dom Luiz - É ou não verdade que depois de ter o Alferes Xavier deixado a casa de vossa tia já vos encontrastes com ele?

Padre - É verdade.

Dom Luiz - E como então ignorais o seu novo endereço?

Padre - Porque nos falamos na rua, num encontro ao acaso.

Dom Luiz - Estais mentindo, senhor Padre Inácio Nogueira e um religioso não deve faltar à verdade. Não esquecei.

Padre - Um religioso não pôde ~~revelar~~ ^{revelar} a outros aquilo que lhe confiaram sob o selo sagrado de uma confissão, ainda mesmo quando esse outro seja o senhor Vice Rei do Brasil.

Dom Luiz - Reverendo Padre Ignácio Nogueira, aconselho-vos a serdes menos imprudente na maneira de falar. É ou não verdade que transmitistes um recado do Alferes Xavier ao senhor Coronel Joaquim silvério dos Reis? (Pausa) Reverendo Padre Nogueira, é ou não verdade que transmitistes este recado?

Padre - Recuso-me a responder.

Dom Luiz - Falai antes que eu me veja na contingencia de empregar meios violentos. É ou não verdade? (Pausa) Respondei.

Padre - É inutil insistirdes, senhor Governador. Não falarei.

Dom Luiz - Pois bem, haveremos de ver.

TÉCNICA - sineta de chamada - Pausa - Passos que se aproximam.

Dom Luiz - Conduzi o Padre Nogueira para a sala contigua e obriga-o a falar. senhor Padre Nogueira: queira acompanhar esse senhor.

TÉCNICA - Passos que se afastam.

Dom Luiz - (falando para longe) Deixai a porta aberta. (Pausa) Veremos se vai falar ou não vai. A ousadia deste diabo! Dizer ao Vice Rei "Recuso-me a responder." Pois bem, veremos se respondes ou não respondes. Não poderás queixar-se de ninguém senão dele proprio e da sua teimosia.

Padre - (ao longe, gritando desesperado) Não! Não! Não!

Dom Luiz - Todos resistem a principio. Todos dizem "Não" ao primeiro momento, mas ao fim de um minuto acabam confessando tudo.

Padre - Não! Não meu Deus, não! Dai-me forças, Jesus!...

Dom Luiz - Quanto maior for a tua teimosia, maior ha de ser o teu suplicio e mais prolongadas as dores que sofrerás.

Padre - Por favor!... Por favor!... Não posso mais!...

Dom Luiz - Muito cedo começa a ceder. (gritando) Fala e te mandarei soltar. Do contrario o suplicio irá aumentando de segundo em segundo

Padre - soltem-me! Deixem-me. Eu falarei... mas por favor... não me atormentem mais!

Dom Luiz - Eu sabia. Eu tinha a certeza de que te obrigava a falar. (gritando) soltem-no. soltem-no e tragam-no aqui imediatamente. Eu sabia! Eu tinha a certeza (Gargalhada)

TÉCNICA - Toque de clarim.

Carmen - E entre gotas de sangue e de suor a cairem-lhe do rosto desfeito, o Padre Inácio Vagueira contou ao Vice Rei Dom Luiz de Vasconcelos o que sabia a respeito do Alferes José Joaquim da Silva Xavier. ~~Mega~~ E naquele mesmo dia uma força embalada cercava a casa da rua dos Latoeiros para efetuar a prisão de Tiradentes.

TÉCNICA - Toque de clarim.

Empregada - ~~O que deseja, senhor?~~

Dragão - Procuramos o Alferes José Joaquim da Silva Xavier.

Empregada - ~~Não sei se está, um momento.~~

Dragão - ~~Diga-lhe que é inutil procurar esquivar-se, que iremos busca-lo em seu quarto se for preciso.~~ *(Passos)* *Sob a escolta*

Empregada - ~~Não haverá necessidade disto, meu senhor. se ele estiver ha de vir até-dê-los, tanto mais em se tratando dos senhores.~~

Dragão - ~~Avise-o, pois, sem demora.~~

Empregada - ~~Com licença.~~

TÉCNICA - ~~Passos que se afastam.~~

Dragão - ~~Avise a escolta que não permita a saída de ninguém de nenhuma das casas da quadra sem que o tenhamos prendido. Não poderemos de forma nenhuma deixá-lo escapar ou teremos que enfrentar depois todo o peso da cólera do senhor Vice-Rei.~~ *absolutamente*

TÉCNICA - ~~Passos que se afastam.~~

Dragão - ~~se dentro de dois minutos não tiver vindo ao nosso encontro, irei buscá-lo onde quer que esteja. Tenho a impressão de que procedi erradamente. Não deveria ter mandado chama-lo pela empregada e sim ter feito com que ela nos conduzisse ao quarto dele.~~

TÉCNICA - ~~Passos que se aproximam.~~

Dragão - ~~Ah, parece que aí vem, finalmente.~~

Tiradentes - ~~sois vós que desejaís falar-me?~~

Dragão - ~~soi o Alferes Joaquim José da Silva Xavier?~~

Tiradentes - Eu mesmo.

Dragão - Acompanhai-me.

Tiradentes - Que desejais de mim, senhor?

Dragão - Ponha-lhe as algemas.

Técnica - Ruído de correntes.

Dragão - Estais preso em nome do senhor Vice Rei Dom Luiz de Vasconcelos.

Tiradentes - Meu Deus e meu senhor! Não desamparai a minha causa! Protejei o Brasil

TÉCNICA - Toque de clarim.

Carmen - E foi assim que no dia 10 de Maio de 1789, na cidade do Rio de Janeiro o Alferes José Joaquim da Silva Xavier viu desfeito pela força o seu grande sonho de Liberdade!...

Juracy - Este foi, caríssimos ouvintes, o terceiro episódio de "AO SOAR DO CLARIM" o programa histórico que a Radio Difusora de Porto Alegre vos a sentará diariamente até o dia 7 do corrente e que é uma homenagem de ta emissora aos heróis que deram as suas vidas pela liberdade da nosa Patria estremecida. Ouça amanhã, às mesmas horas de hoje, o 4º episódio do nosso Teatro Histórico.

Carmen - O episódio de hoje teve a seguinte distribuição:

(Carmen diz os nomes)

(Os artistas respondem)

Dom Luiz de Vasconcelos

Roberto Lis

Um dragão

~~Edmundo~~ Edmundo Lis

Joaquim silvério dos Reis

Luiz Cataldo

Maria Dorotéa seixas

Liney de Andrade

Padre Toledo

Claudio Real

Dona Engracia

Lilia Maria

Visconde de Barbacena

Roberto Lis

Outro Dragão

Alfredo Chaves

Padre Nogueira

~~Edmundo~~ Carlos More

Tiradentes

João Bergmann

Uma empregada

Marily

Prestam também o seu concurso a este programa como locutoras -
Juracy de Oliveira

Juracy - E Carmen de Alencar.

Carmen - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTARAM:

Juracy - AO SOAR DO CLARIM!...

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

Olavo
More
Roberto
Mario
Ribeiro
Rafael
João
Favaro

4º EPISÓDIO

TÉCNICA † TOQUE DE CLARIM.

SPEAKER - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM:

CAEMEN - AO SOAR DO CLARIM!...

Juracy - Um programa que ha de fazer vibrar de entusiasmo os corações dos patriotas brasileiros, avivando-lhes na memória a beleza de uma das muitas páginas gloriosas da sua História!

Carmen - Um programa que é uma afirmativa irrefutavel da altivez de carater dos nossos antepassados, que punham a grandeza e a gloria de sua Patria acima dos seus interesses pessoais, a ponto de se deixarem matar pela liberdade da terra que lhes dera o berço!

Juracy - Um programa que ha de distrair instruindo aqueles que porventura ainda possam ignorar toda a grandeza, todo o patriotismo e todo o despreendimento dos seus patricios de antanho!

Carmen - Um programa, enfim, que é uma homenagem de um punhado de brasileiros orgulhosos e ufanos da sua Patria, na semana em que se comemora mais um aniversário da sua independencia!

Juracy - A Rádio Difusora de Porto Alegre, a pioneira do moderno Rádio Teatro no sul do Brasil, passará agora a irradiar o 4º episodio de "Ao soar do clarim".

Carmen - Antes, entretanto, faremos uma pequena recapitulação dos acontecimentos desenrolados no 3º episodio deste programa, acontecimentos estes que podem ser resumidos no seguinte: - Enquanto em Vila Rica o Governador da Provincia de Minas Gerais, Visconde de Barbacena, punha todo o seu esforço e o seu poderio para descobrir a misteriosa personagem que na vespera da prisão dos Inconfidentes avisara a todos que queimassem os papeis que possuíssem e fugissem se não quizessem ser presos, no Rio de Janeiro o senhor Vice Rei dom Luiz de Vasconcelos punha igualmente todo o seu empenho em conseguir a captura do Alféres José Joaquim da Silva Xavier que, vendo-se constantemente seguido por dois individuos suspeitos, recolhera-se a um sotam da rua dos Lateiros onde aguardava a oportunidade de poder retornar a Vila Rica. Foi ainda Joaquim Silveiro quem o localisou na sua nova moradia, ~~exunizandora~~ por ter recebido dele, por intermedio do Padre Ignacio Nogueira, um recado sobre a Insurreição. Chamado ao palacio do Vice-Rei, o Padre Inacio Nogueira recusou-se a principio a dar qualquer informação sobre o novo paradeiro do Alféres Xavier, mas cruelmente torturado pelos seus Dragoes acabou confessando tudo. No mesmo dia Tiradentes foi procurado no soto da rua dos Lateiros, sendo preso afinal.

Juracy - O episodio de hoje tem a seguinte distribuição:

(Fala Juracy)

(Responde o artista):

- | | | | |
|------------------------------|-------------|---|-------------------|
| Dom Luiz de Vasconcelos | Moré | - | Roberto Lis |
| Tiradentes | Olavo | - | João Bergmann |
| Um dragão | Adalberto | - | Edmundo Lis |
| Visconde de Barbacena | Roberto | - | Roberto Lis |
| Outro Dragão | Rafael | - | Alfredo Chaves |
| D. Maria Ia. | Maria Rosa | - | Branca Margarita |
| Um conselheiro | Mario | - | Carlos Moré |
| Desembargador Alves da Rocha | Rubens | - | Luiz Cataldo |
| O carrasco | Billy | - | Arthur Bastos |
| Um sacerdote | Favaro | - | Tom. Sil..... |
| Barbara Heliodora | Lilia Maria | - | Carmen de Alencar |
| Uma amiga | Conceição | - | Lilia Maria |

3 mulheres
Falta 1

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

Manador: Roberto Lis

Apresentação e Rubens

Dom Luiz - Tragam esse miseravel traidor à minha presença.

TÉCNICA - Passos que se afastam.

Dom Luiz - Quero só ver a cara com que se apresentará deante de mim. Pensou que me havia de fugir! Agora virá com certeza, cheio de humildade, atirar-se aos meus pés e suplicar o meu perdão. Protestar a sua inocencia...

TÉCNICA - Passos que se aproximam, ouvindo-se tambem o ruido de correntes.

Dom Luiz - senhor Alferes Xavier, finalmente nos voltamos a avistar.

Tiradentes-É verdade, senhor Vice Rei.

Dom Luiz -Sabe a razão porque foi preso e conduzido à minha presença?

Tiradentes-Sei.

Dom Luiz -Tem alguma coisa a dizer em sua defesa?

Tiradentes-Não.

Dom Luiz -Confessa então que às ocultas tramava uma revolta para que a Colonia fôsse libertada do Reino de Portugal?

Tiradentes-Confesso.

Dom Luiz -Que discaramento, hein? E que razões poderieis ter para desejar essa separação?

Tiradentes-As razões são muitas e bastante conhecidas, em todo o caso não será demais repeti-las, senhor Vice-Rei dom Luiz de Vasconcelos. Uma delas: a a opressão exercida pela Corte de Lisboa aos cidadãos brasileiros. Outra: A corte de Lisboa cada vez se torna menos virtuosa e cada vez mais se afasta da religião. Outras ainda: O Governo Portuguez trata de aproveitar-se dos Tesouros do Brasil e lucrar com os rendimentos da sua rica Colonia. Alem de criar numerosos impostos, vende o monopólio do commercio e da navegação a Companhias privilegiadas. Proíbe as culturas que possam fazer concorrência aos negociantes da India e em Particular a da Cana de Assucar no Maranhão. Ordena que seja extinto no Brasil o officio de ourives e cravadores. Proíbe os Brasileiros de mandar suas filhas a educarem-se nos conventos da Europa. Proíbe a impressão de livros ou folhetos no Brasil. Proíbe a instalação de fabricas, manufaturas ou teares. Compreendeis, senhor Vice Rei que quem se atreve a espezinhar deste modo a liberdade individual, será capaz de praticar um sem numero de outros vexames. Alem de tudo isto o governo portuguez é culpado perante Deus pois tem ofendido o clero por muitos modos.

Dom Luiz - Que gradíssimo insolente!

Tiradentes-Existem ainda numerosas outras razões que poderei continuar a citar, se assim o desejar o senhor Vice-Rei Dom Luiz de Vasconcelos.

Dom Luiz - Calai-vos, Alferes. Respondei apenas ao que lhe for perguntado.

Tiradentes-É o que estou fazendo, senhor Vice-Rei. ^{quisestes} Desejastes saber as razões que me teriam impellido a desejar a liberdade da minha Patria e eu vos cito algumas.

Dom Luiz - Calai-vos, já disse. (Pausa) Tinheis outros companheiros nesta louca aventura, não é verdade?

Tiradentes-Não?

Dom Luiz - Não? Pensaveis então fazer sósinho a revolta para libertar a Colonia?

Tiradentes-Sim.

Dom Luiz - E que papel representaram então em tudo isto: o tenente coronel Freire de Andrade, Ignacio de Alvarenga Peixoto, os Padres Toledo e Oliveira Jardim, o Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, Claudio Manoel da Costa e muitos outros?

Tiradentes - Nenhum destes que citastes teve qualquer interferencia neste assunto.

Dom Luiz - (gritando) Mentis, Alferes.

Tiradentes - (forte) Digo a verdade, senhor Vice Rei. Fui eu apenas que desejei e planejei a liberdade do Brasil porque um povo que mesmo amesquinhado e oprimido conseguiu superar a outro que o Governava, tem o direito de emancipar-se, de colher o fruto das riquezas do seu solo e da intelligencia e capacidade dos seus filhos. Um povo ativo e forte como o nosso não pode viver sob os grilhões de uma escravidão que o humilha e avilta. Foi por isto, senhor Vice Rei Dom Luiz de Vasconcelos, foi por querer e amar o Brasil que desejei a sua Independencia.

Dom Luiz - E pensastes nas consequencias que poderão advir desse vosso gesto?

Tiradentes - Não importam as consequencias. Sejam quais forem continuarei a pensar e desejar a liberdade da minha Patria. Sem ela o Brasil não poderá ser grande nem feliz. E se pensardes punir os que alimentarem este mesmo desejo no fundo do seu coração então tereis que punir e matar a todos os brasileiros.

Dom Luiz - Retirem-no. Que ele seja preso incomunicavel.

TÉCNICA - Passos que se afastam, ouvindo-se tambem o ruido de correntes.

Dom Luiz - O arrojo! A audacia! O desplante desse sujeitinho! Dizer todas essas coisas na cara do Senhor Vice-Rei do Brasil! Ah mas ele ha de ser punido. Muito bem punido! Ha de pagar bem caro a sua ousadia!

TÉCNICA - Passos que se aproximam.

Dragão - Senhor Vice-Rei o senhor Coronel Joaquim Silvério dos Reis solcita uma audiencia.

Dom Luiz - Prendam-no tambem. Incomunicavel. A audiencia que lhe vou dar será na ~~praça~~ da Ilha das Cobras. fortaleza

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

Juracy - E enquanto Tiradentes, heroico e Ativo proclamava deante do Vice Rei Dom Luiz de Vasconcelos o seu desejo de libertar o Brasil do jugo portuguez, vejamos o que se passava em Vila Rica.

TÉCNICA - Toque de clarim.

Barbacena - Foram transmitidas as minhas ordens sobre a remessa dos presos para o Rio de Janeiro?

Dragão - Sim, senhor Governador e eles já foram informados dessa resolução. ~~de~~ ~~V. Excia.~~ O senhor Comandante da guarda já lhes transmitiu a noticia.

Barbacena - Deverão partir apenas os mais importantes. Os outros que fiquem por aí aos montes nos presídios já repletos. É necessário fazer-se lugar para os que ainda possam vir a aparecer e assim descartemo-nos destes que pela sua posição, pela familia e pelas relações que possuem ainda possam provocar qualquer movimento. Que sejam todos remetidos ao Rio de Janeiro de ferros as mãos e aos pés. Evitaremos, assim, que se possa evadir algum deles. Irão todos para a Fortaleza da Ilha das Cobras.

Dragão - A respeito desses presos tenho uma noticia a transmitir-vos, senhor Governador.

Barbacena - Falai.

Dragão - O senhor Claudio Manoel da Costa enforcou-se ontem à noite, pendurando-se com uma liga do alto de um armário.

Barbacena - ~~Fez~~ Poupeu ao Governo o trabalho de ~~mandar~~ o mandar enforcar. Fez a justiça pelas próprias mãos.

Conselheiro - Temos aqui uma carta do senhor Vice Rei Dom José de Castro, onde pede a Vossa Magestade que sejam todos condenados a morte.

D. Maria - Não. Escreva ao senhor Vice Rei Dom José de Castro uma carta que eu mesma assinarei.

Conselheiro - E o que desejais ordenar a dom José, Magestade?

D. Maria - Que seja mitigada a pena desses infelizes. Os reus eclesiasticos deverão ser remetidos para o reino e aos outros condenados a pena ultima, mude-se -lhes a morte para um degredo perpetuo, exceto o caso de ser isto inadmissivel pela atrocidade e escandalosa publicidade do crime.

TÉCNICA - **TOQUE DE CLARIM.**

Juracy - Não obstante a carta de clemencia de D. Maria Ia. carta essa que já se encontrava no Rio desde Outubro de 1790, e portanto a dezoito mezes, atraz, só a 19 de Abril de 1792 foi lida a sentença aos conjurados. Tudo fora feito propositamente para amargurar mais os miseros condenados e escarmentar o povo. Todas as crueldades aqui praticadas, todos os desatinos, todas as humilhações que sofreram aqueles pobres homens, foram devidas mais aos juizes, ao vice-rei sobretudo, que propriamente aos rigores da lei da época. A primeira sentença foi modificada pela carta da Rainha D. Maria Ia. e assim no dia 20 de Abril foi lida a nova sentença que alterava-
~~xx~~ os destinos daquele punhado de bravos patricios. Ouçamos o Desembargador Alves da Rocha que na prisão, deante dos conjurados, leu o novo accordo lavrado, em vista da régia carta de clemencia.

TÉCNICA - **TOQUE DE CLARIM** - ~~SINOxBATENDOxLUCHEBENTEXXX~~

Alves - Em observancia à Carta Régia de sua Magestade, dona Maria primeira de Portugal, o accordo dos senhores juizes que funcionam neste processo em que são reus ~~xxixxxxx~~ José Joaquim da Silva Xavier, Francisco de Paula Freire de Andrade, José Alves Maciel, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Luiz Vaz de Toledo Piza e outros, acusados do crime de traição ao Governo de sua Magestade, manda que se execute inteiramente a pena da sentença, de morte no infame reu José Joaquim da Silva Xavier, por ser o unico que na forma da dita carta se faz indigno da real piedade da dita senhora. Quanto aos demais reus a quem deve aproveitar a clemencia real, haõ por comutada a pena de morte na de degredo perpetuo. (Pausa. Silencio) Apresente-se o Reu José Joaquim da Silva Xavier.

Tiradentes - Aqui me ~~xxixxxxx~~ tendes, senhor.

Alves - Como principal cabeça da projetada revolução de Vila Rica, estais condenado a forca, devendo a vossa cabeça ser levada a Vila Rica e exibida num poste alto, no lugar mais publico da Vila. Vosso corpo será dividido em quatro pedaços e estes da mesma forma expostos nos sitios onde costumaveis ter as vossas praticas infames, no caminho da provincia de Minas Gerais. Vossa casa será arrazada e salgado o lugar onde ela estiver para que nunca mais ali se edifique e no mesmo chão se levantará um pilar que recorde as vossas culpas e o vosso castigo. Vossos filhos e netos - se os tiver - serão privados dos seus bens e declarados infames.

Tiradentes - Estou ciente, senhor.

Alves - Um sacerdote virá procurar-vós amanhã aqui nesta cela para ouvir a vossa confissão. Deveis estar preparado para a hora da execução da sentença que será ás onze da manhã.

Tiradentes - Estarei preparado.

Alves - E quanto a vós outros, tereis como premio de vossa infame colaboração às ideias do reu deste processo, o degredo perpetuo, o confisco de vossos bens e vossos filhos declarados infames!

TÉCNICA - **TOQUE DE CLARIM.**

Juracy - Dia 21 de Abril do ano de 1792. Onze horas da manhã, no largo da Lampadoza.

TÉCNICA - ~~XXXXXXXXXXXX~~ TOQUE DE CLARIM - VOZARIO DO POVO e UM SINO DOBRANDO À DISTANCIA DURANTE TODA A CENA.

Carrasco - Vamos, tire ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ essa camisa para vestir a alva.

Tiradentes - (Após uma pausa) Assim morreu por mim o Redentor.

Carrasco - Tem algum pedido a fazer?

Tiradentes - Peço-lhe apenas que não demore e abrevie o meu suplicio.

Carrasco - Ex O sacerdote se aproxima para que beije a cruz de Cristo.

TÉCNICA - CESSA O VOZARIO.

SACERDOTE - Rezemos o Creio em Deus Padre.

Sacerdote e Tiradentes - Creio em Deus Padre Todo Poderoso, criador do céu e da Terra e em Jesus Cristo, um só seu filho, Nosso senhor o qual foi concebido pelo espirito Santo, nasceu de Maria Virgem, padeceu sob o poder de Poncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu aos infernos, no terceiro dia resurgiu dos mortos, subiu aos ceos e está sentado à mão direita de Deus Padre Todo Poderoso, de onde ha de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espirito Santo, na Santa Igreja Católica, na Comunhão dos Santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna, Amen.

sacerdote - Em nome do Padre, do filho e do Espirito Santo, Amen. (Pausa) Agora vai, filho. Estás preparado.

TÉCNICA - Rufar de tambores. O sino bate mais forte por alguns instantes. Ouve-se se dois ou tres estertores. A multidão prorompe em gritaria (Disco de vozario) Cessam os tambores. Cessa o Vozario e o sino ainda bate alguns instantes, lugubrememente. Ao cessar o sino TOQUE DE CLARIM.

Juracy - E foi assim que, sereno e heroico, subiu à força do Largo da Lampadoza o precursor da Independencia e da Republica. Não satisfeitos os seus algozes esquartejaram-lhe o corpo e decapitaram-no. Com o sangue do martir o escrivão da alçada escreveu a certidão do suplicio. Sua cabeça foi erguida num poste em Vila Rica e os pedaços de seu corpo, salgados, foram enviados a Minas para serem expostos nos lugares mais frequentados pelo grande propagandista da liberdade da patria. A casa em que ele residia foi arrasada e seus descendentes declarados infames.

A lição durissima e moentruosa, devia, em sua crueldade, mostrar aos brasileiros do vice-reino o perigo da rebeldia. Não o conseguiu, porem. Teve o infalivel destino contraproducente de todas as injustiças e violencias: serviu para que, na terra patria, regada com o sangue do martir, mais depressa e com mais força vicejasse a arvore bendita da liberdade!...

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM!

Mas não parou aí a crueldade dos homens que viram no desejo de liberdade daqueles patriotas brasileiros o crime mais revoltante e nefando. O Poeta Ignacio de Alvarenga Peixoto sucumbia alguns mezes após, vítima dos maus tratos que lhe inflingiram. Sua filha sucumbiu de desgosto e vejamos o que aconteceu à ~~xxx~~ poetisa Bárbara Heliodora, sua esposa

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

Bárbara - Conseguiu alguma ~~noticia~~ noticia?

Amiga - Não. Isto é... quer dizer... ha uma carta...

Barbara - Uma carta? De quem?

- Amiga - Uma carta da Africa... mas... não sei como começar... nem sei mesmo se deva dizer-lhe a verdade...
- Barbara - Fale, por favor. Não vê que estou aflita, ansiosa. Conte-me tudo, por favor. Não me oculte nada. Por pior que seja a verdade eu quero sabê-la.
- Amiga - (baixo) Sim, é preciso dizer-lhe tudo mas falta-me a coragem. (alto) Barbara Heliadora, você precisa ser forte.
- Barbara - Mas o que aconteceu, diga. Não me torture mais. Tenha pena de mim!
- Amiga - É exatamente por ter pena de você que não encontro palavras para começar, querida. Eu bem quizera poder trazer-lhe boas notícias, mas infelizmente as que lhe trago são más. Muito más. As piores que se possa imaginar.
- Barbara - O que aconteceu ao meu Ignácio. Basta de prolongar a minha agonia. Diga, seja lá o que for.
- Amiga - Ele... morreu.
- Barbara - Morreu?!... Não, não, pôde ser. Não acredito. Ele morreu, foi o que você disse?
- Amiga - Infelizmente é verdade. Sucumbiu aos maus tratos recebidos no degredo.
- Barbara - Então ele não morreu. Mataram-no aqueles bandidos! (Pausa) Pobre do meu Ignácio! Morto! Não! Eu não posso acreditar que ele tenha morrido. Ele sabia que eu não poderia viver sem ele e não teria a coragem de abandonar-me assim. Não acredito! Ele vive. Ele vive ainda. É mentira. Ele vive sim.
- Amiga - É preciso que tenha coragem, Barbara Heliadora. Infelizmente digo-lhe a verdade. É doloroso, muito doloroso, bem sei, mas é a verdade. Ele está morto.
- Barbara - Mas como morreu ele? Quero saber. Conte-me tudo. O que lhe fizeram eles que lhe causasse a morte? Vamos, fale. Quero saber. Conte-me tudo antes que eu enlouqueça.
- Amiga - Não. De nada adiantaria a você saber os pormenores da sua morte. Será melhor até que os ignore.
- Barbara - Mas eu quero saber. Eu preciso saber. Exijo que você me conte toda a verdade.
- Amiga - Não conheço os pormenores da sua morte. Mesmo que quizesse conta-los não poderia. Ignoro-os como você. Tudo o que sei é ~~maximamente~~ é o que você já sabe: que ele morreu dos maus tratos recebidos.
- Barbara - Bandidos! Perversos! Infames!... Morto o meu querido Ignácio! (chora).
- Amiga - Vamos, Barbara Heliadora, seja forte. Tenha coragem.
- Barbara - Morto o meu querido Ignácio. Seus olhos estão cerrados para sempre e a sua boca para sempre muda!... Inertes as suas mãos tão ternas que tantas e tantas vezes acariciaram os meus cabelos!... Velado pelo véu denso da morte o brilho daqueles olhos profundos que derramavam ternura e carinho dentro dos meus olhos!... Gelados e mudos aqueles lábios mornos que tantas vezes beijaram os meus lábios e disseram palavras de amor aos meus ouvidos!... Paralisado para sempre aquele coração generoso e bom que soube amar com o mesmo e intenso amor a sua esposa, os seus filhos e a sua Patria. E foi o crime de saberes amar tanto que te levou a morrer longe dos teus filhos, da tua esposa e da tua Patria! Pobre Ignácio! Como o destino foi cruel para contigo! Deixar-te morrer assim, longe de mim, longe de todos, sem que as nossas carícias te pudessem suavizar os últimos instantes de tua vida!... E tudo isto porque? Porque seubeste querer como brasileiro o teu Brasil e porque sonhaste com a felicidade dele e do seu povo e pretendeste romper os grilhões que o tornavam escravo!
- Amiga - Que lhe sirva ao menos isto de consolo, minha Barbara: que seu marido deu a vida pela Independencia e liberdade da sua Patria!

Barbara - Você disse que eu estou nervosa? Não, não, não tenho nada. Já estou completa-
mente calma. Veja: nem choro mais. Não estou nervosa, não. Acreditei na
mentira que você me contou e assustei-me. Mas agora ele está aqui ao meu
lado. Abraça-me. Beija-me. Estou contente e feliz. Não sinto mais nada.
Não tenho mais nada. E nem quero mal a você pelo susto que me deu, tão fe-
liz eu me encontro! Ignacio, meu amor! Ignacio, minha vida! Mentiram-me
que havias morrido. Que susto que me deram! Cheguei a chorar a tua morte.
Ah mais sabes? Eles pensam que tu morreste. Pensam que te mataram. Não faz
mal. É melhor que eles pensem isto. Assim não te virão buscar outra vez.
(rindo) Eles pensam que tu morreste! Engraçado, não é? (rindo muito) Eu
estou começando a achar tanta graça nisto tudo, sabes? (GARGALHADAS) Sinto
uma vontade tão grande de rir. (GARGALHADAS) Mas não te assustes, que -
rido, não vas pensar que eu estou louca. Eu não estou louca, não. É de ale-
gria que eu estou rindo assim. (GARGALHADAS) De alegria, sim, porque es-
tás outra vez a meu lado e porque tenho a certeza de que nunca mais have-
mos de nos separar. (GARGALHADAS) Nunca mais! (GARGALHADAS MAIS FORTES)
Nunca mais! (Gargalhadas mais fortes ainda) Nunca mais!... (Fica gargalhan-
do ainda alguns momentos)

Amiga - Pobre Barbara Heliodora! Pobre e infeliz amiga. Enlouqueceu de dor!...

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

Juracy - E como Barbara Heliodora muitas outras esposas e filhas de brasileiros
conjurados deram o seu tributo de sangue e de lágrimas pela Independên-
cia sagrada da Pátria brasileira. Glória também a elas que foram heroi-
cas e sublimes no seu sofrimento!...

E aqui ficou, meus ouvintes o 4º episódio do teatro histórico da PRF 9
que em comemoração à semana da Pátria está irradiando diariamente, e o fa-
rá até o dia 7 do corrente, páginas brilhantes da nossa história cujos
fatos se relacionam com a data da nossa Independência.

O episódio de hoje teve a seguinte distribuição:

Dom Luiz de Vasconcelos	(RESPONDE O ARTISTA)	Roberto Lis.
Tiradentes	-	João Bergmann
Um Dragão	-	Edmundo Lis
Visconde de Barbacena	-	Roberto Lis
Outro Dragão	-	Alfredo Chaves
D. Maria Ia.	-	Branca Margarita
Um conselheiro	-	Carlos Voré
Desembargador Alves da Rocha	-	Luiz Cataldo
O Carrasco	-	Arthur Bastos
Um sacerdote	-
Barbara Heliodora	-	Carmen de Alencar
Uma amiga	-	Lilia Maria

SPEAKER - Prestou também o seu concurso a este programa, como locutora:

Juracy - Juracy de Oliveira.

SPEAKER - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTARAM:

Juracy - AO SOAR DO CLARIM!...

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

5º EPISÓDIO

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

SPEAKER - ROBERTO LIS E SEU ARTISTAS APRESENTAM:

OUTRO - AO SOAR DO CLARIM!...

SPEAKER - Um programa comemorativo à semana da Pátria e pelo qual a Rádio Difusora de Porto Alegre presta um culto de admiração e respeito aos que primeiro tombaram inertes na luta heroica e gigantesca pela Independência do ~~Brasil~~ nosso Brasil!

OUTRO - No episódio de ontem, com a morte de Tiradentes, e o degredo de todos os ~~seus companheiros~~, que com ele comungaram das mesmas ideias, ficou encerrado um dos capítulos mais comoventes da nossa história, que através dos séculos que passarem, ha de viver, imutavel, no coração de todos os brasileiros!

SPEAKER - Não foi estéril a semente lançada à terra fértil, regada pelo sangue generoso e quente de tantos dos nossos patriotas.

OUTRO - Não foi inútil o sacrificio de tantas vidas nem as torturantes agonias que viveram nas prisões e no degredo.

speaker - Como a arvore a quem se apuram todos os galhos e se arrancam todas as folhas, deixando apenas o tronco despido e mutilado, que um dia nos surpreende com novos e verdejantes brotos, de onde virão novos galhos e novas folhas, assim também a ideia de liberdade ~~ficou~~ perdeu latente, escondida no fundo do coração de todos os brasileiros, para mais tarde brotar, fazer crescer os seus galhos e as sua folhas e cobrir-nos, finalmente, com a sombra benéfica e amiga da liberdade!

OUTRO - São passados 15 anos do sacrificio dos heróis da Inconfidência Mineira e D. João VI, regente de Portugal, é obrigado, com a invasão no norte do reino pelas tropas francezas de Junot, a transportar-se com toda a família real para o Brasil.

speaker - Outras revoltas não puniu o Governo Colonial antes de 1817, mas uma conjuração semelhante à de Vila Rica foi igualmente castigada na Baía em 1798. Chamou-se a rebelião dos alfaiates porque entre os conspiradores havia pessoas da plebe, mulatos ouzados e eloquentes que pregaram às paredes das igrejas cartazes anunciando a Republica Baíense.

OUTRO - Os papéis que ficaram dessa conspiração pouca luz fazem no mistério em que ela se perdeu. A devassa apurou a culpa de quatro pobres artistas a quem enforcaram como a Tiradentes. Outros implicados foram degredados para as feitorias da Africa.

Speaker - E nunca se soube ao certo, na Baía, se estivera ali ameaçada a integridade da Colonia em 1798, ou se os "alfaiates" - herdeiros do povo irrequieto de 1711 - não pretendiam simplesmente insurgir-se contra as desigualdades sociais, cobrando, com armas na mão, o seu quinhão de fortuna.

OUTRO - Entretanto esses precedentes históricos cristalizaram uma consciência. Formaram uma mentalidade. O povo brasileiro adquirira, gradualmente, o conhecimento de si proprio. Revelara-se. Amadurecia para a liberdade!

speaker - A era da Independencia não podia tardar!

OUTRO - ~~Período de~~ O episódio de hoje tem a seguinte distribuição:

(Fala o outro)

(Responde o artista)

Dom João VI *João*
Lord Strangford *Roberto*
Um criado *Mario*
Marquez de Marilva *Mario*

Luiz Catelão
Roberto Lis
Tom Gil
Claudio Real

Luiz Catelão
Roberto Lis
Tom Gil
2

- | | | | | |
|--------------------------------|---------------|---|--------------------|-------------------|
| Dona Carlota Joaquina | <i>Lilia</i> | - | Carmen de Alencar | <i>Lilia</i> |
| A camareira | | - | Juracy de Oliveira | |
| Dom Pedro | <i>Rafael</i> | - | Roberto Lis | |
| Um Aio | <i>Rafael</i> | - | Arthur Bastos..... | |
| D. Maria Ia. | <i>Lilia</i> | - | Branca Margarita | <i>Maria Rosa</i> |
| Uma Dama | | - | Lilia Maria | |
| Desembargador Manoel Fernandes | | - | | |
| <i>Quibus</i> | Tomás | - | Edmundo Lis | |
| Ouvidor José da Silva Carva- | | - | | |
| | <i>Favaro</i> | - | Carlos Moré | |
| Dr. José da Silva Lisboa | | - | Candido Norberto. | |
| | <i>Olavo</i> | - | | |
| Locutor | | - | João Bergmann. | |

TÉCNICA - Toque de clarim.

Speaker - Portugal - Novembro de 1807.

TÉCNICA - Toque de clarim.

D. João VI- O que desejais, Lord Strangford?

Lord - Conversar com vossa magestade.

D. João - Perfeitamente. Que assunto desejais abordar?

Lord - O embarque da familia Real para o Brasil.

D. João - Já me falastes sobre isto uma vez, Lord Strangford e eu recusei a vossa sugestão.

Lord - Desta vez, entretanto, creio que vossa magestade não a recusará.

D. João - Continuarei no mesmo ponto de vista. Recuso-a, sim.

Lord - Mas, Magestade, permiti que vos diga que a situação é insustentável. Aqui tendes o "Monitor Frances" onde podereis ler a ata do desmembramento do reino. Napoleão firmou com a Hespanha o tratado de Fontainebleau pelo qual retira o trono à casa de Bragança e retalha Portugal em tres partes: a do norte, a do sul e a do centro. A do Norte é dada à rainha infanta da Hespanha, a do sul, provincia do Alentejo e dos Algarves, oferecida ao Principe da Paz, Manoel de Godoi e a do Centro ~~enxpaderxaxtra~~ ficará em poder da França, até a paz geral.

D. João - Oh!... Mas isso é inacreditavel!

Lord - É a verdade, Magestade. Alem disto, aproxima-se cada vez mais o exercito invasor de Junot. Eis as razoes pelas quais volto a aconselhar-vos a transferencia da familia real para o Brasil.

D. João - (após uma pausa) É, parece que não ha outra solução.

TÉCNICA - Toque de clarim.

Criado - O senhor Marquez de Marialva roga a vossa Magestade a graça de ser recebido imediatamente.

D. João - O Marquez de Marialva?

Criado - Sim, Magestade.

D. João - Não pôde ser, Marialva encontra-se a caminho de Paris.

Criado - Encontra-se aqui no palacio, em carne e osso, o senhor Marquez de Marialva, Magestade.

D. João . - Que entre, então.

TÉCNICA - Passos que se afastam.

D. João - Mas isto é incrível! É inacreditável!... Eu chego a ter a impressão de que estou sonhando!... O Marialva em Lisboa, quando o acreditava prestes a chegar a Paris em missão que não deveria falhar para segurança da Casa dos Bragança.

Marialva- (de longe) Magestade!

D. João - Entrai Marquez.

TÉCNICA - ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Passos que se aproximam.

D. João - O que vos traz, Marquez?

Marialva- Um acontecimento inesperado, Magestade.

D. João - Falai sem demora.

Marialva- Mal transpuz os pirineus vi-me obrigado a retroceder, Magestade, sentindo atrás de mim o tropel dos invasores.

D. João - O que dizeis, Marquez!?!...

Marialva- A verdade, Magestade. Unicamente a verdade.

D. João - (após uma pausa) Bem, neste caso só nos resta a alternativa de deitar a correr para o Brasil.

Marialva- Também me parece que não ha outra solução.

D. João - Pois muito bem, não ha tempo a perder. Hoje mesmo transportar-me-ei para o palacio da Ajuda e começarei a arranjar tudo para a partida da familia real dentro de tres dias, no máximo. Tome nota de umas instruções que lhe vou dar.

Marialva -Podeis falar, Magestade.

D. João - Que se faça um manifesto ao povo portuguez dando-lhe conhecimento das razões imperiosas que me levam a transferir provisoriamente para o Brasil a sede da Monarchia e confortando a pobre alma da velha Patria com as esperanças de que em breve estarei de volta, seguro de haver, com o sacrificio tão doloroso do meu coração desviado o traiçoeiro golpe que se pretende vibrar contra a soberania nacional. Que o povo não esmoreça com essa desgraça e que nem mesmo regista a brutal violencia que se lhe faz, de forma a não tornar para a nação mais funesta ainda esta calamidade.

Marialva- Perfeitamente, Magestade. E para que data fixais o ~~aviso~~ embarque da familia Real, Magestade?

D. João - Onde dizeis que já se encontram os invasores?

Marialva- Devem estar proximos de Abrantes, Magestade.

D. João - Abrantes?! A vinte e cinco legoas de Lisboa, apenas.

Marialva- É verdade, Magestade.

D. João - Muito bem, teremos que embarcar então depois de amanhã. Fazei transmitir aviso a todos os membros da familia Real, inclusive à princesa Carlota Joaquina.

Marialva- Perfeitamente, Magestade.

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

- D. Pedro - Esperaremos aqui para embarcar com ela. Será melhor.
- TÉCNICA** - **Ruído de carro que vem vindo de longe e lentamente vai aumentando até ficar forte e parar.**
- Aio - Vejai, príncipe, uma carruagem apareceu ao fim da rua. E é da casa real.
- D. Pedro - Sim. É a carruagem de minha avó. Felizmente chegou, por fim.
- D. Maria - **(um pouco distante)** Deixem-me! soltem-me. Porque me apertam os pulsos desta maneira? O que pretendem comigo? Para onde me querem levar? **(próxima)** Já sei. Arrastam-me ao suplicio. Levam-me ao patíbulo. O que fiz eu para que me tratem assim? Não sou, por acaso, a rainha de Portugal? E como teem você, portugueses, a coragem de tratar-me desta forma? Soltem-me! Deixem-me.
- D. Pedro - Vóvó, atenda, vóvó. Ninguém lhe quer fazer mal. Vamos todos embarcar. Vamos para o Brasil.
- D. Maria - Quem és tu? O que pretendes de mim? Para onde me queres levar?
- D. Pedro - Quem sou eu? Então Vóvó, não conhece o seu neto?
- D. Maria - O meu neto? És então o Pedro?
- D. Pedro - Sim, sou.
- D. Maria - Escuta lá: para que esta coisa toda? Para onde me arrastam ~~xxxxx~~?
- D. Pedro - Para o Brasil, Vóvó. Vamos todos para lá.
- D. Maria - Fugindo dos francezes, não? Pois não irei. Não quero que digam que fujo ao inimigo. Hei de ficar. Hei de combater-lo. Hei de mostrar-lhe que não o teme a rainha de Portugal. Não quero deixar o meu torrão! Não sairei daqui, sou a rainha e devo ficar junto do meu povo! Deixem-me, soltem-me, malvados! Bandidos! Eu sei o que pretendem de mim. Querem matar-me! Arrastar-me ao patíbulo mas não hão de conseguir porque lutarei contra todos. **(gritando muito)** Soltem-me! Soltem-me. **Vejam que tenho os pulsos magoados de tanto que me apertam.**
- Dama - Magestade, atendei, magestade!
- D. Maria - Deixe-me, já disse! solte-me! **(gritando muito)** Ai! Bandidos! Miseráveis!
- D. Pedro - Não é possível leva-la por bem teremos que embarca-la assim mesmo excitada. Vamos, ajudem-me. **(ouve-se os gritos de D. Maria que ora chora, ora exclama, ora pede socorro, gritando e esbravejando contra tudo e contra todos. Os gritos vão se afastando sempre até se perderem na distancia).**
- SPEAKER** - E com a multidão a se comprimir no cais, numa enorme confusão de gritos, lamentos, frases de despedida e protestos do povo - resignados uns e revoltados outros - as naus que conduziam a familia real para o Brasil faziam-se ao mar, a todo o pano.
- TÉCNICA** - **VOZARIO E SINO BATENDO, por alguns instantes e depois TOQUE DE CLARIM.**
- SPEAKER** - E foi assim que a 29 de Novembro do ano da graça de 1807 as naus portuguezas fizeram-se ao mar conduzindo em seu bojo a familia real, fidalgos, ministros e demais personagens de primeira plana, com suas familias e comitivas, num total de quasi 15.000 pessoas. No dia 30 de Novembro às nove horas da manhã, entrava Junot em Lisboa com um exercito de 26.000 homens, para só avistar a sumirem-se no fundo do horizonte as ultimas velas da esquadra portugueza.

E enquanto como um bando de abutres, francezes e hespanhois atiravam-se sobre a terra portugueza, navegava a frota conduzindo para a America a familia Real com o que havia de mais valioso naquela corte desmantelada.

E D. João VI, com a alma em crepe, ~~sik~~ não podia desprender daquelas terras que ficavam os olhos marejados de lágrimas. É que ele sabia que deixa

va o seu povo entregue à tirania de estrangeiros, o seu reino sob as plantas de inimigos inclementes, as fortalezas do Tejo cobertas com a bandeira franceza, os bens e direitos dos seus súditos à merce dos invasores e o esgarmento e a ruina pairando sobre aquella terra onde lhe ficava o coração de portuguez!

Pouco a pouco foram desaparecendo o rio, as praias e as montanhas de Cintra, até que se perdeu de vista a linha da costa, afundando no oceano imenso!...

Na segunda semana da travessia um fortissimo temporal dispersou a frota em demanda do Rio de Janeiro e parte dela arribou na Bahia a 22 de Janeiro de 1808, onde o principe regente desembarcou entre as mais delirantes aclamações do povo. É nessa occasião que vamos encontra-lo.

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

- Lisbôa - Repercutiu de maneira fortemente simpática no ânimo do povo a vossa attitude, Magestade, de ordenar que fossem recebidos sem distincão todos quantos desejassem falar-vos ou apenas ver-vos.
- D. João - É meu desejo, senhor José da silva Lisbôa trabalhar pelo Brasil e pela felicidade dos brasileiros. Auscultarei as necessidades do povo as suas inclinações e os seus desejos e, na medida do possivel, hei de procurar satisfazê-los.
- Lisbôa - Permitti, então, que vos sugira, Magestade um decreto que ha de trazer reais vantagens ao Brasil e aos brasileiros.
- D. João - Falai, senhor José da silva Lisbôa.
- Lisbôa - Abri os portos do Brail às nações amigas. Será uma medida extremamente util à nossa Patria e uma das coisas que mais ha de contribuir para a riqueza publica.
- D. João - Amanhã mesmo esse decreto será publicado, senhor José da silva Lisbôa.
- Lisbôa - Agradeço-vos Magestade, em nome do Brasil e dos brasileiros. Permitti agora que vos transmita o desejo de todos os moradores da Baía para que fixeis aqui a capital do Brasil.
- D. João - Lamento profundamente não me ser possivel atender a esse desejo dos moradores da Baía, Tudo já estará preparado na cidade do Rio de Janeiro para que seja lá instalada a familia Real.
- Lisbôa - Propoem-se os baianos, Magestade, a ~~me~~ mandar construir, à sua custa, um palácio para a residencia dos seus soberanos e os demais edificios que forem necessários para as repartições do Estado.
- D. João - Agradeço sensibilizado ao povo da Baía todas essas demonstrações, senhor José da silva Lisbôa, mas a resolução de estabelecer a Corte no Rio de Janeiro foi tomada ainda na Europa e já foi annunciada official e solenemente à Nação portugueza e a todas as outras côrtes, não sendo, portanto, agora possivel alterar o que já está assim assentado.
- Lisbôa - É profundamente lamentavel, Magestade, que não vos seja possivel ficar entre nós.
- D. João - Mas podereis vós, Dr. Lisbôa, na qualidade de jurisconsulto, acompanhar a Corte ao Rio de Janeiro, ocupando a cadeira de economia politica que pretendo criar naquella capital.
- Lisbôa - sinto-me sobremaneira honrado com o vosso convite, Magestade. E já fixastes, porventura, a data em que deveis embarcar para o Rio de Janeiro?
- D. João - sim. No dia 25 do corrente farei a minha visita de despedida a todos os estabelecimentos públicos da cidade e no dia 26 sairá a frota para o sul com destino ao Rio de Janeiro.

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

SPEAKER: - E efetivamente no dia 26 de Fevereiro de 1808 a frota portugueza rumava para o sul, chegando ao Rio de Janeiro no dia 7 de Março onde foi recebida com grande pompa e alegria. Despejou-se o palacio dos Vice-Reis como o edificio mais amplo e mais nobre da cidade para servir de residencia da Real Familia e empregados do Paço. Ligou-se por um passadiço o Palacio ao Convento do Carmo e por outro a Igreja que iria fazer as vezes de Capela Real. Assim ficou instalada a familia Real no Brasil. E no meio daquelas festas em que se conciliavam brasileiros e portuguezes, é preciso reconhecer que com efeito se creavam motivos de mais relevancia para legitimas alegrias entre os filhos da terra. O Brasil não tinha so a honra de servir de refugio a Corte e de valer a velha Metropole em crise tão afflitiva. Para ele a presença do Rei devia ser mais do que um simplés pretexto para gaudios e festanças. Importava para o Paiz nas maiores vantagens, as quais não se fizeram esperar.

Depois de todos estes acontecimentos e varios outros, houve um movimento liberal em Pernambuco no ano de 1817, mas o conde de Arcos, então Governador da Baía, tomou medidas energicas em defesa da Monarquia. Luiz do Rego Barreto, novo Governador e Capitão General de Pernambuco, mandou logo julgar sumariamente e executar os chefes principais da revolta D. João, entretanto, suspendeu essas execuções sumarias e criou uma alçada presidida pelo Desembargador Bernardo Teixeira Coutinho, a qual foi ainda mais rigorosa nos seus julgamentos. Afinal, como jubileu de sua coroação a 6 de Fevereiro de 1818, D. João concedeu plena anistia aos que ainda estavam comprometidos no movimento.

Vejamos agora o que dois anos mais tarde aconteceu em Portugal. Ouçamos o Desembargador Manoel Fernandes Tomas e o ouvidor José da Silva Carvalho.

- Tomás** - É necessário que façamos o quanto antes a revolução, senhor Ouvidor José da Silva Carvalho.
- Carvalho** - Também me parece. Avolumam-se cada vez mais as ideias liberais e o desrespeito geral à autoridade.
- Tomás** - E é preciso ter em conta o desgosto que nos causa ver a corte permanecer no Brasil e a antiga Colonia elevada à Categoria de Reino desde 1815, por decreto Régio do Principe Regente.
- Carvalho** - Além de tudo isto a diminuição sensível e o prejuizo enorme que vem causando ao commercio portuguez a franquia dos portos do Brasil a outras nações.
- Tomás** - E depois não deve nem pode continuar, de forma nenhuma, a falta de acôrdo entre o Marechal Inglez Beresford, como Governador de Portugal em nome de D. João VI e os membros da administração civil e militar.
- Carvalho** - Claro! Isto é intolaravel. Requer providencias imediatas.
- Tomás** - Devemos fazer como fizeram os hespanhões recentemente que impuzeram, pela revolução, a sua vontade ao soberano.
- Carvalho** - Alguns dos nossos adeptos opinam que nos devemos unir à Hespanha para constituir a União Iberica, outros estão dispostos a conservar a autonomia de Portugal, oferecendo a Coroa ao Duque de Cadaval em lugar de D. João VI. Qual dos dois aspectos vos parece mais razoavel, senhor Desembargador Manoel Fernandes Tomas?
- Tomás** - Creio que nenhum dos dois. A mim me parece que devemos reconhecer D. João por soberano, só cogitando em derrubar o absolutismo, dar ao Paiz uma constituição liberal, fazer voltar o Brasil a categoria de Colonia, fechar os seus portos a outras nações e fazer voltar a familia real para Lisboa.
- Carvalho** - Sim, é isto o que também me parece que devemos exigir. E tratemos então de aproveitar enquanto o Marechal Beresford encontra-se no Rio.
- Tomás** - Marquemos, neste caso, a noite de 23 do corrente para a ultima reunião que será realisada na casa do senhor Coronel sepulveda.
- Carvalho** - E ao raiar a aurora de 24 faremos romper a revolução!

Brasil se haviam abrigado durante aqueles treze anos de tormenta. E foi assim que terminou o reinado de D. João VI no Brasil. Os seus ministros nem sempre avaliaram devidamente as forças vitais e precisões da colônia. Frequentemente tomaram medidas modeladas pelo tipo da metrópole, que não correspondiam às necessidades de um país novo e imenso como o Brasil, mas seja lá como for o Brasil deve ser grato à memória do Príncipe Regente D. João, que o amou, que lhe foi útil, e desejou sê-lo ainda mais!...

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

SPEAKER - Ouviram o quinto episódio do nosso Teatro Histórico, que Roberto Lis escreve, dirige e interpreta com os seus artistas. Este programa é uma oferta da.... (entra a propaganda).

O episódio de hoje teve a seguinte distribuição: (repete a distribuição, respondendo cada um o seu nome, de acordo com o personagem que interpretou).

Ouçã amanhã, às mesma horas de hoje o 6º episódio do nosso Teatro Histórico.

ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTARAM: AO SOAR DO CLARIM!...

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

6º Episodio

TECNICA - TOQUE DE CLARIM

JURACY - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM - AO SOAR DO CLARIM!.....

Mais um programa comemorativo á Semana da Patria em proseguinto á homenagem que a Radio Difusora de Porto Alegre presta aos pioneiros da nossa Liberdade.

Este programa é uma oferta etc, etc, etc. (Entra aqui a propaganda)

O episodio de hoje obedecerá á seguinte distribuiçãõ:

- Oliveira* Príncipe D. Pedro. *Oliveira* - Roberto Lis.
- Rafael* Conde dos Arcos. *more* - Edmundo Lis.
- Rubens* Conde de Louza *more* - Claudio Real.
- more* Brigadeiro Jorge de Avilez *more* - Juiz Cataldo.
- Lilia* D. Carlota Joaquina *Lilia* - Carmen de Alencar. *Lilia*
- Nina* Uma camareira *Nina* - Liney de Andrade. *Nina*
- Mario* Capitão Mór José Joaquim da Rocha *Mario* - Candido Norberto.
- Roberto* Um laçao *Roberto* - Tedy Rodrigues.
- Concha* José Clemente Pereira. *Concha* - Carlos Moré.
- Contra Regra de Sonofonia - Emilio Belo.
- Locutor *Narrador* - Willy Rodrigues.
- João Bergmann.

Prestam tambem o seu concurso a este programa como locutoras as artistas Lilia Maria.

Celina - E Juracy de Oliveira.

No mesmo dia do embarque de D. João VI, de regresso para Portugal, começa D. Pedro a exercer decisivamente no Brasil a alta função historica que os acontecimentos lhe indicavam e que ele aceitou com uma coragem realmente admiravel e com afan de quem se apressa a cumprir da sua tarefa. Tinha ele então 23 anos de idade. Dois ministros lhe ficaram: o Conde de Arcos na pasta do Reino e o Conde Louza na pasta da fazenda. Vamos encontra-lo agora a conversar com o primeiro. Abril, 26, - ano de 1821.

TECNICA - TOQUE DE CLARIM:

D. Pedro - Mandei chamar o senhor Conde dos Arcos para conversarmos um pouco.

Arcos - Estou inteiramente ás vossas ordens, Principe.

D. Pedro - Desejo iniciar imediatamente as minhas atividades como principe regente do Brasil.

Arcos - Não desejais esperar que as naus desapareçam no horizonte?

D. Pedro - Não. Desejo começar já. Os destinos de uma Patria como o Brasil não podem estar á mercê de questões sentimentais. Meu pai confiou ás minhas mãos o destino desta terra e desta gente, tenho que trabalhar por eles.

Arcos - O que desejais fazer inicialmente, principe?

D. Pedro - Uma proclamação ao povo. Desejo expor em linhas gerais o meu programa de governo. Quero que se apercebam logo da minha boa vontade em bem servir o Brasil e os seus filhos, assegurando-lhes, desde já, o mais austero respeito ás leis, uma vigilancia constante sobre os juizes e todo o meu esforço e cuidado para antecipar no Paiz os beneficios da Constituição que se espera.

Arcos - Perfeitamente, senhor Principe D. Pedro.

D. Pedro - Diga-lhes que o principe regente lhes promete fazer tudo quanto em seu poder estiver pelo desenvolvimento da Educação Publica, pela a-

- agricultura e pelo commercio, garantindo-lhes que prestará uma especial atenção ao interessantissimo artigo das reformas sem as quais é impossivel promover liberalmente a publica prosperidade.
- Arcos - Muito bem. Mais alguma coisa, senhor Principe Dom Pedro?
- D. Pedro - Sim. Diga-lhes mais: que apelo para o sentimento de ordem dos brasileiros - condição indispensavel para que se não frustrem os intenções com que estou disposto a agir. Sei que é de assoberbar os mais fortes a situação em que ficou o Paiz mas que o meu esforço aliado á boa vontade de todos os meus subditos hão de vencer a crise que atravessamos e elevar o nome do Brasil ao lugar que por direito lhe cabe.
- Arcos - És desejais, Principe, que esta proclamação seja lançada quando?
- D. Pedro - Hoje ainda. Desejo que este povo saiba dos sentimentos que me animam, no momento em que tomo sob as minhas mãos as rédeas dos seus destinos.
- Arcos - Será lançada hoje a proclamação, senhor Principe. Desejais mais alguma coisa?
- D. Pedro - Sim. Desejo avistar-me com o senhor Conde de Louzã para transmitir-lhe tambem algumas instruções sobre reduções que se tornam necessarias fazer o quanto antes.
- Arcos - O Conde de Louzã não se encontra de momento no Palacio mas poderei mandar expedir um chamado para que venha até cá.
- D. Pedro - Sim. Faça com que o procurem onde estiver para que possamos ter feito ainda hoje alguma coisa que leve ao povo brasileiro a afirmação da boa vontade, do desejo de bem servir e da disposição de trabalho em que se encontra o homem a quem ficou confiado o destino desta grande Patria.
- TECNICA - TOQUE DE CLARIM:
- Juracy - E foi nesse estado de espirito que D. Pedro iniciou o seu Governo. É bem possivel que não tivesse sequer uma ideia da gravidade dos embaraços que teria a enfrentar, mas inoportunamente muito disposto a conjura-los quaisquer que viessem a ser.
- TECNICA - TOQUE DE CLARIM.
- D. Pedro - Senhor Conde de Louzã, mandei chamar-vos porque desejo, desde o primeiro dia do meu governo, recomendar-me á confiança de todos, mostrando-me muito zeloso do bem geral do Paiz e particularmente empenhado em pacificar os espiritos em torno de uma causa que deve falar a todos os corações. A causa da prosperidade e grandeza desta magnifica porção da monarchia.
- Louzã - Perfeitamente, senhor Principe D. Pedro. Tendes o meu apoio e o meu amparo.
- D. Pedro - Quer logo mostrar como se inaugura uma fase nova na administração e no Governo.
- Louzã - É necessario, principe. Isto ha de inspirar confiança no povo.
- D. Pedro - Quero mostrar como os processos vão mudar e como vão ser outras as normas da ação official sobre tudo quanto for do interesse publico. Precisamos fazer, inicialmente, uma rigorosa economia para tentar restaurar os nossos cofres.
- Louzã - É necessario. É absolutamente necessario.
- D. Pedro - É como para indicar a todos o caminho que é preciso seguir, no intento de prover a necessidade mais imperiosa do momento, darei eu mesmo o exemplo, começando pela minha casa. Transferirei a minha residencia habitual para a quinta da Boa Vista, afim de que possam

- vir aqui para o traço da cidade todas as secretarias e demais repartições publicas que ocupam casas alugadas.
- Louzã - Muito bem, Príncipe. É um exemplo magnifico.
- D. Pedro - A minha mezada ficará limitada a um conto e seiscentos mil reis.
- Louzã - Muito bem, senhor Príncipe. É um exemplo admiravel.
- D. Pedro - Ficarão suspensos o provimento dos empregos vagos. E serão suprimidos os cargos inuteis. Estabelecer-se-á o orçamento da receita e da despesa.
- Louzã - Perfeitamente, senhor Príncipe, perfeitamente.
- D. Pedro - E ha muitas outras economias ainda que será necessario fazer. Dizei-me, senhor Conde de Louzã, a quanto montavam as despesas da dispensa real?
- Louzã - As despesas Real, senhor principe, consumiu o ano passado a importancia de 436 contos.
- D. Pedro - Quatrocentos e trinta e seis contos. Por essa verba vai se economizar a importancia de quattrocentos contos. Ficarão apenas 36 para a dispensa Real. Quanto custa a cavalaria Real, lembrai-vos?
- Louzã - Perfeitamente, senhor Príncipe. Elas custam por ano ao Erário duzentos e setenta e tres contos.
- D. Pedro - Duzentos e setenta e tres contos?
- Louzã - Nem mais nem menos. É necessario não esquecer, entretanto, que são mil e duzentos cavalos.
- D. Pedro - Pois muito bem, vamos reduzir tambem o numero de cavalos. Ficarão 150, mais ou menos. E a situação do erário parece-me ser a pior p possível, não é verdade, senhor Conde de Louzã?
- Louzã - Nem tanto assim, senhor Príncipe. As economias são realmente necessarias, não resta a duvida mas a situação tambem não é tão feia como imaginais. Ha muita riqueza no Paiz.
- D. Pedro - Eu desejo saber é a situação do erário, o que devemos nós?
- Louzã - 10 mil contos ao Banco do Brasil. Trez mil contos á casa Young e afó- essas duas dividas que são as maiores temos ainda outras de menor valor que são devidas ao Visconde de Rio Seco e outras mais.
- D. Pedro - É muito. É muito o que se deve. Não serão demais, portanto as economias que quero fazer.
- Louzã - Está claro, está claro! A economia só nos poderá trazer prosperidade, senhor Príncipe.
- D. Pedro - E alem de todas estas providencias ha uma ainda que quero tomar: De hoje em diante não se efetuarão mais prisões em caso de flagrante delicto ou quando ordenadas pelo juiz criminal por culpa formada e será estabelecida o prazo de quarenta e oito horas para a conclusão do processo.
- TECNICA - TOQUE DE CLARIM.
- Celina - A um homem assim não seria possível recusar - fossem quis fossem os seus defeitos, qualidades excepcionais que o faziam talhado para a- quele difficil momento da nossa historia. Era, com efeito, de assobrar os mais fortes a situação em que se encontrava o Brasil. No dia seguinte ao da partida do Rei com toda a sua corte, estava mudada a fisionomia geral da cidade. Dir-se-ia que a população se sentia desolada e incerta do futuro. O movimento comercial diminuiu consideravelmente. A atividade de todas as classes como que se entrou

- de um instante para outro. O Teatro e as diversas casas de recreação publica ficaram quasi desertos. Parecia que se estava sob uma grande impressão de agouro ou em vespera de algum cataclisma iminente contra o qual cada um trata de prevenir-se como póde. D. Pedro, entretanto, sem abater-se nem desanimar, fortemente amparado pela dedicação do Conde de Arcos, atirou-se á tarefa de união e reconstrução. Estamos agora no mez de Junho de mesma ano de 1821.

TECNICA - TOQUE DE CLARIM.

Louzã - Sr. Brigadeiro Jorge de Avilez, o Principe D. Pedro irá atender-vos dentro de poucos momentos. Não esquecei de incluir, entre as condições que lhe serão exigidas, a demissão do Conde de Arcos. Ele é prejudicial aos vossos interesses para que seja conservado no Governo.

Avilez - Estejais descansado sr. Conde de Louzã. Faremos ao Principe todas as exigencias que nos parecem justas e não desprezaremos os bons serviços que nos tem sido prestados, por vós.

Louzã - Óra senhor Brigadeiro, por quem sois. Se serviços prestei a vós e vossos companheiros é porque vós o merecestes. E os que mais me forem possíveis prestar, ás vossas ordens encontrareis sempre o Conde de Louzã.

Avilez - Obrigado, sr. Conde, em meu nome e em nome dos meus companheiros.

TECNICA - Passos que se aproximam.

Louzã - Aí vem o sr. Principe. Deixo-vos a sós senhor Brigadeiro Jorge de Avilez, para que tenhais maior liberdade de falar ao Principe.

TECNICA - Passos que se afastam.

D. Pedro - Retirat-vos, conde Louzã?

Louzã - Se me ordenardes que fique....

D. Pedro - Não. É melhor que vos retireis. (passos que se afastam) O que desejais, senhor Brigadeiro Avilez?

Avilez - São varios os motivos que me trazem a vossa presença, senhor Principe D. Pedro.

D. Pedro - Falai, então.

Avilez - Sabeis terem sido juradas em Lisboa as bases da Constituição?

D. Pedro - Esses noticias chegaram ao meu conhecimento por um navio mercante que aqui aportou no dia 2 deste mez, mas são noticias não officiais. Aguardo a noticia official para então proceder de acordo com elas.

Avilez - Sabemos que por conselho do Conde de Arcos tomastes esta deliberação principe. Mas aqui estou para exigir em nome da guarnição portugueza que jureis immediatamente a Constituição portugueza.

D. Pedro - Que mais pretendeis vós, senhor Brigadeiro Jorge de Avilez e vossos companheiros, alem do juramento da Constituição?

Avilez - Pretendemos tambem que seja demittido o senhor Conde dos Arcos, e enviado para Portugal. Que formeis uma junta para vos auxiliar a governar o Rio de Janeiro e uma Comissão Militar para ter o comando das armas. Estamos solidários com a opinião do senhor Conde de Louzã que entende que um novo juramento como confirmação do primeiro é necessario porque prende mais o Brasil á antiga metrópole.

D. Pedro - O Conde de Louzã pretende mais: que no Brasil não se pratique ato algum espontaneo, que não haja liver arbitrio em coisa alguma e que os brasileiros se habituem de uma vez, por bem ou por mal, a receber tudo que lhes vier de lá...onde tem sóde a soberania. Isto, comprehendes que já não é mais possível fazer. O povo não poderá receber

- sem revolta um decreto desta natureza.

Atilée - Senhor Príncipe Dom Pedro: encontro-me em vossa presença como representante da guarnição portugueza para reclamar o juramento da nova constituição de Lisboa, a demissão do senhor Conde dos Arcos, a formação da junta para vos auxiliar a Governar o Rio de Janeiro e a nomeação de uma Comissão Militar para tomar o comando das armas.

D. Pedro - Já o dissestes ha pouco, Brigadeiro Jorge de Avilez.

Avilez - As tropas estão reunidas na praça do Rocio a espera de vosso pronunciamento. Que deverei dizer-lhes Príncipe Dom Pedro?

D. Pedro - Podereis dizer-lhes que...que acedo ás suas exigencias. Comparecerei á praça do Rocio e falarei á tropa da sacada do Teatro são João.

TECNICA - TOQUE DE CLARIM: - VOZERIO.

SPEAKER - E entra a gritaria da tropa e as aclamações do povo, D. Pedro prestou o juramento nas mãos do Bispo Diocesano e na presença do senado da Camara. Houve iluminação espontanea de toda a cidade e espetáculo de gala ao qual compareceu o príncipe, sendo ali muito aclamado. Não se limitaram os revoltosos a exigir o juramento; pediram a demissão do Conde dos Arcos e outras exigencias mais que D. Pedro viu-se coagido a fazer. Foi nomeado ministro do Reino Pedro Alvares Diniz em lugar do Conde dos Arcos que partiu para Lisboa. Voltava assim o antigo Ministro a encontrar-se com D. João VI e D. Carlota Joaquina. E por falarmos em D. Carlota Joaquina, vejamos o que fez ao regressar a Portugal. Estamos a 3 de Julho do ano de 1821, quando as naus que levaram de regresso a familia Real, aportavam ao antigo reino.

TECNICA - Cessa o vozerio. TOQUE DE CLARIM.

Camareira - Estamos precisamente a chegar, senhora.

Carlota - Ora graças aos céos! Graças aos céos que regresso daquela terra de negros e selvagens! Uma verdadeira choldra onde fui perder tantos anos da minha vida.

Camareira - Não creio que nos possamos queixar, não fomos infelizes no Brasil.

Carlota - Ora não digas parvoices. Chamas viver feliz a vida que lá tivemos? Uma terra horrivel, cheia de mosquitos e enfermidades! Graças a Deus que a vejo pelas costas e se tivesse que lá tornar preferia entregar o corpo ao diabo que estaria ainda melhor. Que gente estúpida a que lá vive. Estúpida e insubordinada. Tu mesmo te deves recordar bem como eram rebeldes para acatar qualquer ordem que lhes dirigissemos. Nunca me perdoaram, segundo me disse uma das damas do Paço, de ter desembarcado chorando quando festejavam a nossa chegada. E que queriam eles que eu fizesse?

Camareira - Que risseis, com certeza.

Carlota - Ou que desse gargalhadas á maluca. Talvez rir apenas não os contentasse. Achassem pouco. Imaginem só: sair do meu rico palacio de Queluz para ir para aqueles pardieiros velhos que eles nos prepararam. Trocar Lisboa, a minha alegre e incomparavel Lisboa, por aquela aldeia, cheia de negros e vagabundos a ainda havia de desembarcar a sorrir para ser agradável aquela gente horrerosa e detestavel! Uns tolos e idiotas é o que todos são! Lembra-te como se revoltaram quando institui o costume de pararem e descobrirem-se demoradamente á passagem de qualquer pessoa da familia Real?

Camareira - Lembro-me, sim, senhora Princeza. Lembro-me perfeitamente.

Carlota - Com que raiva cumpriam as minhas ordens. Ah mais cumpriam-na. Ensi nei-os a cumpri-las. O primeiro a desacata-las foi o ministro americano mas ha de lembrar-se até hoje da sua rebeldia. Mandei que os lacaios o chicoteassem. O imbecil arrancou um par de pistolas e os fez recuar. Pensei que eu não seria capaz depois disto, de

- tomar qualquer represália. Mas enganou-se. Mandei os meus criados apedrejarem-lhe a mulher na rua.

Camareira - E eles a apedrejaram mesmo.

Carlota - Se a apedrejaram. Ela teve que recolher-se á casa a correr que nem uma doída. O outro, o ministro inglez - o tal de Strangford - tentou igualmente não cumprir as ordens expedidas; fiz com que o meu escudeiro descesse do cavallo e desse-lhe valentes chicotadas que ele tambem não se ha de esquecer. (rindo as gargalhadas) O idiota parou-se a gritar como um doído a alegar os seus titulos como se para mim eles pudessem lá valer alguma coisa. (rindo muito) Dê-lhe mais, dizia eu ao escudeiro. Dê-lhe mais que é para ele contar depois lá aos seus patricios que á Princeza Carlota Joaquina não se desrespeita.

Camareira - E quanto mais a senhora Princeza ordenava mais chibatadas lhe dava o escudeiro.

Carlota - Foi um espetaculo divertido. A principio irritei-me com a attitude do diabo do inglez, mas depois ri-me a bem rir.

Camareira - E a esposa do ministro russo?

Carlota - Nem me fala em semelhante creatura. Aquela tambem despertou-me, desde o principio uma antipatia furiosa. Mas pagou-a bem caro, ah si pagou-a!

Camareira - Tambem ha de guardar da senhora princeza uma recordação muito grata.

Carlota - Vinguel-me dela como se fosse uma mulher do povo. Uma mulher qualquer.

Camareira - Todos os dias os lacaios da senhora Princeza apedrejavam a casa dela.

Carlota - " arrancavam-lhe as plantas do jardim á minha ordem.

Camareira - Ela ficava a estourar de tão furiosa.

Carlota - Que viesse reclamar se fosse capaz! (gargalhada) Não ve que teria coragem para tanto. Havia de lá sair que nem cachorro com a lara amarrada á cola. (gargalhadas) Graças ao céu que estou liver daquilo tudo. Nada mais me prende aquela terra amaldiçoada.

Camareira - O principe Dom Pedro lá ficou, senhora Princeza.

Carlota - Está bem para ele aquela terra. É um idiota igual ao pai. Ha de dar-se bem como o pai se dava. Imaginem só. Dom João chorou ao deixar o Brasil: só mesmo um espirito da natureza do senhor meu marido poderia cometer um disparate desta especie. Chorar por deixar o Brasil e regressar a Lisboa. Quando eu digo que meu marido é um idiota ainda recebo ás vezes um olhar de censura de quem me escuta. Mas o que pode ser um homem que chora por deixar uma terra de bugres para voltar a uma cidade civilisada? O que pode ser senão um refinado idiota, um imbecil autentico? E o filho é tal qual o pai. Por isto ligam-se tão bem.

Camareira - Já o principe D. Miguel é diferente.

Carlota - Completamente diferente, graças a Deus. Aquelle é bem meu filho. Assemelha-se tanto a mim quanto o outro ao pai. Felizmente que o pude trazer de volta a Lisboa afim de educar-se e illustrar-se aqui. Amofinava-se profundamente cada vez que era obrigada a pensar que meu filho crescia e se desenvolvia á luz daquelle sol. Estou a despejar aqui toda a minha bilis contra aquella terra amaldiçoada porque ao desembarcar em Lisboa não quero nem mais pensar que existe uma Colonia chamada Brasil e que fui obrigada - pela covardia de D. João - a viver lá varios anos de minha vida.

TECNICA - Um sino toca a uma setta distancia.

- Camareira - É o sinal de chegada. Dentro de cinco minutos a nau estará atracando. É conveniente vestir-se para o Desembarque, senhora Princesa.
- Carlota - Sim, devo preparar-me.
- Camareira - Que vestido desejareis levar?
- Carlota - Aquele que mandei buscar a Buenas Aires. É uma novidade que apresentarei em Lisboa.
- Camareira - E as joias? O adereço de diamantes do Brasil?
- Carlota - Nada. Nada que me lembre essa maldita terra. As minhas perolas do Oriente. Desabotoa-me este vestido. (pausa) Quando me lembro que daqui a alguns minutos estarei pisando o solo de Portugal, sinto o coração dar pulos de alegria. (pausa) Desaperta-me agora um pouco o espartilho. (pausa) É preciso ver que as princezinhas estejam também preparadas para o desembarque.
- Camareira - A aia deve ter tomado essa providencia. Em todo o caso ao aprontar a senhora Princesa darei uma vista de olhos ás princesinhas e ao principe dom Miguel.
- Carlota - Vamos, enfia-me o vestido. Mas ve lá, tem cuidado, não se vás desmanchar o cabelo. Levei a tarde toda a pentear-me não quero agora ter que o fazer novamente. É depois agrada-me bastante a minha cabeça hoje. É bem verdade que mandei arruma-la pra desembarcar em Lisboa.
- Camareira - Está, senhora Princesa.
- Carlota - Abotoe-me, agora. (nova batida de sino) Estamos chegando.
- TECNICA - O disco de parada, tocando ao longe e fazendo fundo para o teste da cena.
- Camareira - Pronto, senhora Princesa, estais pronta.
- Carlota - Chegamos, finalmente. Já ouço a banda a tocar. Ah! um momento. Faltava ainda uma coisa. Dá-me um par de sapatos novos. Sapatos que ainda não tenham sido por mim usados.
- Camareira - Qual destes dois pares prefere a senhora Princesa?
- Carlota - É indiferente. Este aqui mesmo. Calça-mos. É este que estou a despir vais depois joga-los ao mar. Não quero manchar a terra dos brancos com o calçado que pisei na terra dos negros.
- TECNICA - TOQUE DE CLARIM.
- Celina - É foi essa mulher que durante vários anos procurou influir no destino do Brasil e dos Brasileiros. De mulher tinha ela muito pouco: apenas a teimosia, o fraco pelas joias e vestidos ostentosos e aquela eterna ansia de amor que a fez uma das mulheres mais escandalosas do seu século. Vivia com D. João VI em eterno conflito. Nunca se harmonizaram no menor instante da vida. Era um ser diabólico. Bem poucas rainhas foram mais orgulhosas, mais ociosas das suas prerrogativas, mais agitadas e mais agitadoras. Mas poucas também tiveram maneiras mais plébeas, gostos mais grosseiros, educação má e caprichos mais rasos. Nenhuma cabeça corçada teve linguagem tão baixa. Nunca respeitou situações para desencandear o vocabulario de sargeta. Nunca houve entre ela e o marido a mais vaga sombra de equilibrio. Nunca se compreenderam. É que os dois temperamentos contrastavam demais. Era o furacão ao lado da calmaria padre. Carlota Joaquina não foi pa a o marido apenas um tranbolho. Foi um perigo, a asa negra, a sombra infernal. A primeira conspiração que houve contra D. João foi ela propria que a fez. Isto, poucos anos depois do casamento. Não houve, realmente, sulha mais perigosa. Ódeu profundamente a terra brasileira. Viveu aqui de nariz torcido, como que a sentir seu cheiro em tudo, amaldiçoando as nossas coisas, o nosso clima, os nossos homens. Brasil

- perdeu-a, apesar de tudo. Os brasileiros foram, em todos os tempos, homens multíssimos generosos!...

TECNICA - TOQUE DE CLARIM.

Juracy - Deixemos d. Carlota Joaquina e voltemos aos acontecimentos que levaram o Brasil a dar o grito de sua Independencia. Estamos em Dezembro de 1821.

TECNICA - TOQUE DE CLARIM.

D. Pedro - D que desejais, senhor capitão mor José Joaquim da Rocha?

Rocha - Trago ao principe D. Pedro um pedido dos patriotas brasileiros para que não se afaste do Brasil.

D. Pedro - Não é possível, senhor Capitão Mór. Devo retornar a Lisboa. Já mandei mesmo aprontar a fragata União para regressar a Portugal.

Rocha - Refleti, principe. Deixareis os patriotas brasileiros desolados com essa retirada.

D. Pedro - Não encontro outra solução. O que não posso é permanecer aqui no Rio de Janeiro, reduzidas cada vez mais, as minhas atribuições. Já todos os governos provinciais foram declarados independentes do Rio de Janeiro. As desobediencias da Junta da Bahia foram julgadas regulares pelas Côrtes de Lisboa, agora o brigadeiro infante D. Sebastião traz decretos de Portugal. Um elegendo, para governar o Rio de Janeiro, uma junta dependente apenas da metropole e outro ordenando que eu regresse a Lisboa, a fim de viajar e aprimorar a minha educação.

Rocha - Perdoai, principe, a sugestão se é ousada, mas e se desobedecesseis a essas ordens recebidas da Côrte?

D. Pedro - Foi o que primeiro pensei, mas após madura reflexão, ordenei aos ministros a execução dos decretos.

Rocha - Os mesmos patriotas que me mandaram á vossa presença, mandaram também emissarios a São Paulo e Minas, para obter cooperação dessas duas provincias no sentido de que o principe D. Pedro permanecesse entre nós.

D. Pedro - Transpiti aos patriotas que vos delegeram poderes de pleitear a minha permanencia no Brasil que muito a contra gosto sou obrigado a dizer-lhes que já mandei executar os decretos recebidos das Cortes de Lisboa.

Rocha - Perfeitamente, senhor Principe. Sinto-o profundamente por mim e por eles.

TECNICA - Passos que se afastam.

D. Pedro - Eles me magoaram. E além disto pretendem um absurdo: restaurar o estado colonial no Brasil.

TECNICA - Passos que se aproximam.

D. Pedro - O que ha?

Lacai - O presidente do Senado da Câmara, *pode uma audiência.* senhor José Clemente Pereira deseja que lhe seja concedida uma audiência.

D. Pedro - Que entee. *o senhor José Clemente Pereira? Que entee.*

TECNICA - Passos que se afastam.

D. Pedro - O que quererá este agora. Que mais novas me trará?

TECNICA ; Passos que se aproximam.

D. Pedro - O que desejais, senhor presidente?

C. Pereira - Trago-vos, senhor Príncipe, D. Pedro, uma representação assim nada por oito mil pessoas que suplicam e reclamam a vossa permanência entre nós. O Brasil não quer separar-se de Portugal mas exige um centro de união e governo, uma assembleia nacional e um poder executivo no seu próprio seio. São oito mil brasileiros que pedem ao Príncipe D. Pedro que acolha benignamente o voto do povo e continue na Regência que lhe foi confiada por seu Augusto Pai D. João VI, afim de que não se proclame logo a Independência completa do Brasil e se não converta o Paiz em Republica.

D. Pedro - Senhor Presidente do Senado da Câmara: "como é para bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico."

C. Pereira - Obrigado senhor Príncipe D. Pedro. Obrigado em nome de todos os oito mil brasileiros que assinaram esta representação. Eles aí estão reunidos á frente do Paço aguardando a vossa resposta.

D. Pedro - Senhor José Clemente Pereira: chegue á janela do Paço e comunique ao povo a minha resolução.

TECNICA - PASSOS QUE SEGUEM Á ALTURA DO MICROFONE SEMPRE. PARAM OS PASSOS. ABRE-SE UMA JANELA. OUVI-SE OU MURMURIO QUE LOGO CESSA.

C. Pereira - Senhores: (pausa) O Príncipe D. Pedro acaba de pronunciar, em resposta á vossa representação, as seguintes palavras: "como é para bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico".

TECNICA - VOZ FORTI - TOQUE DE CLARIM.

JURACY - Este foi, meus caríssimos ouvintes, o sexto episodio da série do Teatro Historico da PRF9 - que se encerrará amanhã - e que é uma homenagem que a Radio Difusora presta á Patria Brasileira, na Semana dedicada ás comemorações da sua Independência. Este programa que foi escrito e é dirigido pelo Diretor do Radio Teatro da sua PRF9, é oferecido aos nossos ouvintes pela firma.... (entra aqui a propaganda) Aguardem amanhã o ultimo episodio de "AO SOAR DO CLARIM", ás mesmas horas de hoje.

O episodio de hoje obedeceu á seguinte distribuição:

Príncipe D. Pedro	- Roberto Lis.
Conde dos Arcos	- Edmundo Lis.
Conde de Louzã	- Claudia Real.
Brigadeiro Jorge de Avilez	- Luiz Cataldo.
D. Carlota Joaquina	- Carmen de Alencar.
Uma camareira	- Lynel de Andrade.
Capitão Mór José Joaquim da Rocha	- Cândado Norberto.
Um lacaio	- Tedy Rodrigues.
José Clemente Pereira	- Carlos Moré.
Contra Regra	- Emilio Belo.
Orquestra	- Wylly Rodrigues.
Locutor	- João Bergmann.

Prestam tambem o seu concurso como locutoras as artistas Lilia Maria

Celina - E Juracy de Oliveira.

Juracy - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAREM - AO SOAR DO CLARIM!

TECNICA - TOQUE DE CLARIM.

7º EPISÓDIO

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

- Juracy - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM - AO SOAR DO CLARIM.
- Celina - Um programa comemorativo à Semana da Pátria e com o qual a Rádio Difusora de Porto Alegre reverencia a memória daqueles que tombaram pela Independência do Brasil.
- Juracy - Este programa é a última flor que completa o singelo ramallete que, de joelhos, depositamos sobre a lage fria que guarda - no mistério insondável da morte - os ossos dos heróis da Inconfidência. Foram eles os que primeiro deram as suas vidas pela liberdade da nossa Pátria. São eles os primeiros de quem nos lembramos hoje que essa Pátria festeja mais um aniversário da realização daquele sonho!
- Celina - Meus patrícios! Vamos apresentar, finalmente, o último episódio do nosso Teatro Histórico, realização de Roberto Lis, o diretor de Rádio Teatro da FRR 9. Este teatro vem apresentando, desde o dia 1º do corrente, alguns fatos que a nossa história guardou para nós e que representam para os brasileiros dos nossos dias um inestimável e gigantesco patrimônio de glória, que os Tiradentes e seus companheiros de jornada legaram a todos aqueles que tiveram a suprema ventura de nascer debaixo deste céu esplendidamente azul que cobre a Terra Brasileira!... Deste pedaço de céu onde à noite estão sempre acesas as cinco velas do candelabro maravilhoso do Cruzeiro! ~~Aqui~~ Neste céu, onde um dia brilhou claro e radiante o sol incomparável da Liberdade que ha de iluminar para todo o sempre os infinitos horizontes do Brasil!...
- Juracy - Desta terra de heróis altaneiros que nos dá vida, força e calor, que é o orgulho de nós, brasileiros, que a queremos com todo o vigor!
- Celina - Desta terra sagrada e bendita que por Deus, foi, por certo, abençoada. Cada um coração que palpita é um pedaço de Ti, Pátria amada!
- Juracy - Nobre terra de amor e realeza, de sol claro e de céu sempre azul onde ~~há~~ realça-se a beleza e o esplendor do Cruzeiro do sul!
- Celina - Terra berço de heróis incontáveis que morreram mas vivem ainda nos exemplos admiráveis que ~~fixaram~~ tornaram a História mais linda!
- Juracy - Terra ninho de amor e doçura onde ha sempre a uma ofensa o perdão onde ha luz, ha bondade, ha ternura terra que é toda um só coração!
- Celina - Terra heroica que em tantos momentos já mostrou às demais como é boa; aos que ferem os seus sentimentos abre os braços, esquece... e perdôa!...
- (PAUSA)
- Juracy - Caríssimos ouvintes - vamos dar início ao ~~setimo~~ e ultimo episódio de "Ao soar do clarim" programa que é uma oferta de.....
- (Entra aqui a propaganda)
- Celina - O episódio de hoje obedecerá à seguinte distribuição:

CELINA - O episódio de hoje obedece à seguinte distribuição:

- Príncipe D. Pedro - *Roberto Lis* - Roberto Lis
- Conde dos Arcos - *Mário* - ~~Claudio Resl~~ *Egton Simas*
- José Clemente Pereira - *Roberto* - Edmundo Lis
- José Bonifacio de Andrada e Silva - *Roberto* - ~~João Engemann~~ *Cláudio Resl*
- Padre Diogo Antonio Feijó - *Favaro* - Carlos Moré
- Antonio Carlos de Andrade - *Roberto* - Luiz Cataldo
- Major Canto e Nello - *Rafael* - Teddy Rodrigues
- Encarregado do Estúdio - *Chalaca* - Emilio Bello
- Sonofonia de - *Chalaca* - Willy Rodrigues

Prestam também o seu concurso, como locutoras, as artistas Juracy de Oliveira

Juracy - e Lilia Maria.

TOQUE DE CLARIM.

*Mamadorani
com
Lilia*

*Concei - O episódio de hoje tem como
a seguinte distribuição.*

D. Pedro - O que desejais, senhor Presidente?

C. Pereira - Trago-vos, senhor Principe D. Pedro, uma representação assinada por oito mil pessoas que suplicam e reclamam a vossa permanência entre nós. O Brasil não quer separar-se de Portugal mas exige um centro de União e Governo, uma assembleia nacional e um poder executivo no seu proprio seio. São oito mil brasileiros que pedem ao Principe D. Pedro que acolha benignamente o voto do povo e continue na Regencia que lhe foi confiada por seu Augusto Pai D. João VI, afim de que não se proclame logo a independencia completa do Brasil e se não converta o Paiz em Republica.

D. Pedro - senhor Presidente do Senado da Câmara: "Como é para bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico.

C. Pereira - O povo aí está reunido à frente do Paço, aguardando a vossa resposta.

Dom Pedro - Chegue à janela e comunique a minha resolução.

Passos - Ruído de abrir janela - Ruído breve - silencio.

C. Pereira - Senhores: (Pausa) O Principe D. Pedro acaba de pronunciar, em resposta a vossa representação, as seguintes palavras: "Como é para bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que eu fico".

VOZ LERIDA PROLONGADO - TOQUE DE CLARIM.

Celina - À vista da resolução do Principe D. Pedro de permanecer no Brasil, uma divisão portugueza de 2.000 homens, comandados pelo Tenente General Jorge de Avilez, procurou atemorizar a população e o proprio regente. Tomou posição no morro do Castelo e preparou-se para romper o fogo. O povo fluminense e a tropa brasileira reuniram-se então no campo de sant'Ana, dispostos e prontos para combater. Uma luta sanguinolenta ia travar-se. Avilez, no entanto, vendo pouca probabilidade de poder vencer o furor da cidade em pezo, resolveu obedecer a intimação do principe regente e capitular.

Juracy - A 16 de Janeiro de 1822, apenas domadas as tropas portuguezas, D. Pedro tomou novos ministros. Vamos agora surpreendê-lo a conversar com um deles que é José Bonifacio de Andrada e silva.

TOQUE DE CLARIM

D. Pedro - O que desejais, senhor José Bonifacio de Andrada e silva?

Andrada - Informar ao senhor Principe D. Pedro, os ultimos acontecimentos nas provincias.

D. Pedro - Falai, senhor Ministro.

Andrada - Devo comunicar inicialmente ao senhor principe D. Pedro que a provincia de Maranhão está obedecendo às ordens de Lisboa.

D. Pedro - E que mais ha?

Andrada - Na provincia do Rio Grande do Norte reina a mais completa anarquia.

D. Pedro - E de Pernambuco o que sabeis?

Andrada - Nessa provincia, como reinasse grande irritação contra os governadores e officiais portuguezes, a junta abraçou o nosso partido. Alagoas, entretanto, mostra-se incondicionalmente ao lado do Governo de Portugal.

D. Pedro - Ha mais ainda?

Celina - No mesmo dia do embarque de D. João VI, de regresso para Portugal, começa D. Pedro a exercer decisivamente no Brasil a alta função histórica que os acontecimentos lhe indicavam e que ele aceitou com uma coragem realmente admirável e com o afan de quem se apressa a cuidar da sua tarefa. Tinha ele então 23 anos. Vamos agora encontra-lo a conversar com o Conde dos Arcos, um dos seus ministros.

TOQUE DE CLARIM

- Arcos - O que desejais fazer inicialmente, senhor Príncipe D. Pedro?
- D. Pedro - Uma proclamação ao povo. Desejo expor em linhas gerais o meu programa de governo. Quero que se apercebiam logo da minha boa vontade em bem servir o Brasil e os seus filhos, assegurando-lhes, desde já, o mais austero respeito às leis, uma vigilância constante sobre os juizes e todo o meu esforço e cuidado em antecipar no Brasil os benefícios da Constituição que se espera.
- Arcos - Perfeitamente, senhor Príncipe D. Pedro.
- D. Pedro - Diga-lhes que o Príncipe Regente promete fazer tudo quanto estiver em seu poder pelo desenvolvimento da Educação Pública, agricultura e commercio.
- Arcos - Mais alguma coisa, senhor Príncipe?
- D. Pedro - Sim. Diga-lhes também que apelo para o sentimento de ordem dos Brasileiros para que não falhem as intenções de que me encontro possuído.
- Arcos - Perfeitamente, senhor Príncipe.
- D. Pedro - Desejo, desde o primeiro dia do meu governo, recomendar-me à confiança de todos, mostrando-me muito zeloso do bem geral do País e particularmente empenhado em pacificar os espiritos em torno de uma causa que deve falar a todos os corações: a causa da prosperidade e grandeza desta magnífica porção da monarchia.
- Arcos - Como ministro de vosso Governo, príncipe, podeis contar com a minha colaboração nesta tarefa.
- D. Pedro - Precisamos fazer, inicialmente, uma rigorosa economia para restaurar os nossos cofres. E como para indicar o caminho a seguir, darei eu mesmo o exemplo começando pela minha casa. Transferirei a minha residência habitual para a quinta da boa vista e trarei aqui para o paço todas as secretarias e demais repartições públicas que ocupam casas alugadas.
- Arcos - É um exemplo magnífico, senhor Príncipe D. Pedro.
- D. Pedro - A minha meada ficará reduzida para um conto e seiscentos mil reis. Reduziremos para 150 os mil e duzentos cavalos que existem na cavalaria real e outras mais reduções serão feitas também na despesa, na extinção de cargos inúteis, etc; etc. E além de todas estas providências de hoje em diante não se efetuarão mais prisões senão em caso de flagrante delito ou quando ordenadas pelo juiz criminal por culpa formada e será estabelecido o prazo de 48 horas para a conclusão do processo.

TOQUE DE CLARIM

Juracy - E D. Pedro, sem abater-se nem desanimar, fortemente apurado pela dedicação do Conde dos Arcos, atirou-se à tarefa de União e reconstrução do Brasil. Estamos agora em Dezembro de 1821. Vamos encontrar o Príncipe D. Pedro a conversar com o Presidente do Senado da Câmara, senhor José Clemente Pereira, depois de uma série de acontecimentos ocorridos em Lisboa que terminaram por uma quasi intimação para que o príncipe deixasse o Brasil e voltasse para Portugal.

TOQUE DE CLARIM

- Andrada - A provincia de gergipe segue as vicissitudes da Baía agora aterrorizada pela soldadesca do general portuguez Luiz Madeira de Melo, a quem o Commandante brasileiro Manoel Pedro de Freitas Guimarães viu-se forçado, pelas armas, a ceder o lugar. E como se não bastassem todas essas manifestações de rebeldia ao nosso Governo, a Junta Governativa de Minas, eleita de modo irregular, interpreta mal as vossas intenções e manifesta tendências separatistas. Chegou mesmo a declarar-se em completo insubmissão, cunhando moeda própria, suspendendo magistrados, criando corpos militares para a sua própria defesa, etc, etc.
- D. Pedro - Levaram o desacato ao ponto de mandar um commissário pedir contas do meu proceder.
- Andrade - É necessário, senhor Principe D. Pedro, que seja tomada uma imediata providencia quanto a esta ultima provincia.
- D. Pedro - Pois bem, senhor Ministro José Bonifácio de Andrade e Silva. Também já havia pensado na necessidade de pacificar as provincias e principalmente a de Minas Gerais por ser a que maiores e mais fortes rebelções tem praticado. Anunciai aos outros ministros que deixo em vossas mãos o Governo, pela necessidade de ausentar-me temporariamente da Capital.
- Andrada - E para onde vos dirigis, senhor Principe?
- D. Pedro - Para Vila Rica. Vou dissolver a Junta Governativa, por illegal, fazendo-lhes ver que se a reconheci anteriormente foi só com o fito de poupar lutas e anarquias na provincia. Esta minha medida, entretanto, deverá permanecer em segredo até a minha chegada à capital de Minas. Quero o Brasil unido e para isto andarei de provincia em provincia, se tanto for preciso!

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

- Juracy - O Principe partiu. Chegou a Barbacena no dia 1º de Abril, sendo recebido em todas as localidades por onde passou com os mais cordiais aplausos dos cidadãos. seguindo imediatamente por São João del Rei e Queluz entro no dia 9 na capital mineira. Ai, em vibrante proclamação, convidou os povos a unirem-se em derredor dele, pois declarava-se constitucional e queria de coração o regime de liberdades publicas. Deixando serenados os animos partiu de Vila Rica no dia 20, chegando ao Rio de Janeiro a 24. Desejoso de realizar a fraternização dos partidos na mesma ideia patriótica, D. Pedro aceitou a 13 de Maio o titulo de "Defensor Perpétuo do Brasil". E dias apos escrevia ele a seu pai o seguinte: "Vai se generalizando a ideia de ser necessário que o Brasil tenha cortes, porque as leis feitas tão longe, por homens que não são brasileiros e não conhecem as necessidades do Brasil, não podem ser boas.
- Celina - E a 3 de Junho decretou a convocação de uma Assembleia Constituinte brasileira. A 1º de Agosto publicou um manifesto recomendando a mais completa união entre os brasileiros, encerrando com estas patrióticas palavras: "Não se ouça entre vós outro grito que não seja união. Do Amazonas ao Prata não retumbe outro eco que não seja Independencia. Formem todas as nossas provincias o feixe misterioso que nenhuma força possa quebrar. Transportemo-nos agora a Lisboa e ouçamos, depois destes acontecimentos, a palavra de dois dos deputados brasileiros que lá se achavam. São eles Antonio Carlos de Andrade e o Padre Diogo Antonio Feijó.

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

- Antonio - Os deputados portuguezes aqui da Corte acham-se tomados de verdadeiro espanto com as ultimas atitudes dos brasileiros, senhor Padre Antonio Feijó.
- Feijó - Chegaram a dizer, abertamente, em nossa frente que é simplesmente arrrojada a maneira como os brasileiros trabalham pela sua Independencia.
- Antonio - Não comprehendem, ou não querem compreender que um paiz que já se impoz pela sua riqueza natural e pela inteligencia e capacidade dos seus filhos não pôde viver e ser tratado como um escravo boçal e improdutivo.

Feijó - Houve alguns deputados portugueses que, mais sensatos, propuzeram comissões de estudo para medidas conciliatórias.

Antonio- Alguns, sim, mas muito poucos foram eles. A maioria, exaltada, decidiu a sujeição completa do Brasil às Cortes de Lisboa e a sua volta à antiga situação de Colonia.

Feijó - É um absurdo isto. Absurdo e vexatorio para o Brasil e, consequentemente, para os brasileiros.

Antonio- E nós aqui, formando uma fraca minoria, muito pouco ou quasi nada poderemos fazer, em favor da nossa Patria e dos nossos patricios, senhor Padre Diogo Antonio Feijó.

Feijó - Infelizmente é tal como dizeis, senhor Antonio Carlos de Andrade. Temos feito o que esta no nosso alcance. E por causa disto temos sido até insultados pela plebe desenfreada.

Antonio- Insultados só? Temos sido mesmo ameaçados de morte. E foi por isto que vim procurar-vos porque presinto que os graves acontecimentos que estão para desenrolar-se não de complicar mais ainda a nossa situação, tornando um perigo para as nossas vidas a nossa permanencia em Lisboa.

Feijó - O que sugeris, senhor Antonio Carlos de Andrade? A nossa retirada de Lisboa?

Antonio - Sim, senhor Padre Diogo Antonio Feijó, e o mais depressa possivel.

Feijó - Mas e qual será a opinião dos nossos companheiros sobre esta atitude? Já os consultastes, por acaso?

Antonio- Sim, falei aos senhores Machado e Silva, Cipriano José Barata de Almeida, José Lino Coutinho, Costa Aguiar e Bueno Gomes.

Feijó - E que disseram eles?

Antonio- Aprovaram plenamente a minha ideia.

Feijó - Neste caso, então, tratemos de amadurecê-la. E para onde nos recolheriamos?

Antonio- Já está tudo traçado e previsto. Embarcaremos às ocultas para a Inglaterra e de lá publicaremos um manifesto para explicar ao mundo civilizado as razões porque abandonamos a Corte e a cidade de Lisboa.

TÉCNICA- TOQUE DE CLARIM.

Juracy - Em Agosto de 1822 a cidade de São Paulo achava-se perturbada com um motim ocasionado por intransigencias da Junta Governativa. Como ainda reinassem ali dissensões capazes de originar sérios conflitos, D. Pedro decidiu em satisfazer ambos os partidos e embarcou apressadamente para lá, onde chegou a 26 de Agosto. Antes, entretanto, vamos encontrallo a conversar com o Chalaça, o secretario dos seus amores.

TÉCNICA - TOQUE DE CLARIM.

D. Pedro - Chalaça, mandaste dizer ao José Bonifácio que me viesse falar esta tarde?

Chalaça - Não recebi ordem nenhuma.

D. Pedro - Mas eu dei ordens neste sentido.

Chalaça - seria então ao João Pinto ou ao Placido.

D. Pedro - Providencia então para que ele venha ao Paço. Vou embarcar amanhã cedo para São Paulo e quero deixar varias ordens.

Chalaça - Perfeitamente.

ROBERTO - E hoje, transcorridos 131 anos deste notável acontecimento, encontra-se outra vez o Brasil na luta dos seus direitos e da sua liberdade!
 A luta, porém, desta vez, é maior e mais forte porque o inimigo é desumano e a liberdade pela qual nos batemos não é apenas a nossa liberdade, senão a de todos os povos oprimidos, a de todos os povos civilizados. Brasileiros: amanhã como hoje, hoje como ontem e em todos os tempos da nossa História, continuemos unidos como um só homem, como um só coração a pulsar pelo mesmo ideal, porque somente a união é capaz de nos proporcionar a força e a energia necessárias que nos conduzirão à vitória final! *será a garantia da nossa liberdade pela qual lutamos*
 Ordem e progresso é o lema que flutua ao sopro da brisa, no auri-verde pa vilhão da nossa ~~amada~~ Patria!
 A nossa Bandeira, gloriosa nos aponta ^{postamente} o caminho a seguir!
 Unamo-nos pela Patria!
 Pelos povos oprimidos!
 Pela vitória da civilização!
 Pela nossa Liberdade!...

Lágrimas e tanto sangue já foram derramados.
TOQUE DE CLARIM

Juracy - Este foi, caríssimos ouvintes, o ultimo episódio do nosso Teatro Histórico que denominamos de "AO SOAR DO CLARIM".

Patrocinou esta série de programas comemorativos à semana da Patria a firma Dahne & Conceição um dos legítimos orgulhos da Engenharia Nacional.

Celina - O episódio final deste programa teve a seguinte distribuição:

(Fala a Celina)	(RESPONDE O ARTISTA)
Príncipe D. Pedro	- Roberto Lis
Conde dos Arcos	- Claudio Real Eglon Simas
José Clemente Pereira	- Edmundo Lis
José Bonifácio de Andrada e Silva	- João Bergmann Claudio Real
Padre Diogo Antonio Feijó	- Carlos Moré
Antonio Carlos de Andrade	- Luiz Cataldo
Major Canto e Velo	- Tedy Rodrigues
Encarregado do estudio	- Emilio Belo
sonofonia de	- Willy Rodrigues

Prestaram também o seu concurso como locutoras deste programa as artistas Juracy de Oliveira

Juracy - E Lilia Maria.

TOQUE DE CLARIM.

Celina - Roberto Lis e seus artistas apresentaram:

Juracy - AO SOAR DO CLARIM!...

TOQUE DE CLARIM.

1947
 1822

 125